

# Jan-Mar 2017

---

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***

PROGRAMAÇÃO JAN-MAR 2017

# Janeiro Fevereiro Março 2017

A arte serve para alguma coisa? Porque é que anda tanta gente e se gasta tanta energia e dinheiro a organizar espetáculos, exposições, a construir museus, a escrever e publicar livros, a conceber e produzir filmes, a criar e interpretar música, etc., etc.? Do outro lado, do lado de quem recebe, porque é que as pessoas gastam tempo, dinheiro, energia para ir aos lugares onde a arte se manifesta, ou comprar e ler livros, ir ao cinema, e por aí fora? Que poder é este que a arte tem sobre as pessoas?

Muita gente escreveu sobre este assunto de forma a ir além da superfície, a esgaravatar a evidência para encontrar várias maneiras de o conhecer, de o abordar, de o pensar. Não conheço essa literatura, o que só me pouca. Atrevo-me a pensar sobre o problema com base na minha experiência e do que fui dela retirando, metendo-me por vários caminhos.

Em geral, a arte é considerada uma manifestação superior da humanidade. Os artistas chamados “grandes” são tomados como seres acima dos outros, que merecem veneração, reconhecimento, gratidão. O dia nacional do nosso país é o dia em que um poeta morreu.

É certo que os artistas têm que competir, na fama, com políticos e militares. Mas enquanto os políticos e os militares dividem, os artistas unem.

Os artistas são vistos com frequência como aqueles que são capazes de fazer o que

a generalidade das pessoas não consegue, ou que nos enchem os sentidos ou o pensamento de sensações fortes. Sensações que nos levam para fora do quotidiano e que costumamos situar nessa coisa indefinível que é o espírito. Há a terra e há o céu, há o corpo e há o espírito, diz-se. A terra e o corpo são perecíveis e representam o que é pesado em nós. O céu e o espírito, o que é leve e dura, o que nos expande e nos faz sentir mais do que simples sobreviventes.

Tanto faz que sejam artistas “populares”, “anónimos”, mais perto da natureza e mais longe do dinheiro, como artistas “eruditos”, mais longe da natureza e mais perto do dinheiro. Artista é um ser excepcional que se eleva acima dos outros humanos pelas boas razões.

Isto será assim porque há um impulso em nós para a criação (que porventura um dia as neurociências explicarão a partir do funcionamento do cérebro). É uma necessidade. Não tão fundamental como comer, beber ou garantir a sobrevivência da espécie, mas é uma necessidade comum. Quando uns o fazem de uma forma que se distingue com nitidez dos outros, temos por eles admiração, elevamo-los ao estatuto de artista.

Ou seja: a arte tem um poder em si mesma que vem da nossa condição de humanos. Não é útil, nem inútil. É assim, é inerente à nossa condição.

As coisas complicam-se quando entra o dinheiro. Para fazer arte que seja mais do que lascar pedra, é preciso meios, instrumentos, máquinas, muitas pessoas em dedicação exclusiva, etc., etc. Na forma como organizámos a sociedade, isso custa dinheiro. Alguém tem que o providenciar porque os artistas não o têm.

Atalhando caminho. Hoje em dia, uma parte muito substancial da criação artística só existe porque o Estado a financia, porque entrega o dinheiro. Dito de outra forma, porque quem paga impostos, através do Estado (incluído os municípios ou a União Europeia), financia. A comunidade, no seu conjunto, sustenta a criação.

Mas são os Governos ou a burocracia comunitária que dizem quanto dinheiro se

distribui e como se distribui. E os Governos acham, porque o discurso económico é hoje prevalecente, que só se justifica, ou que é preciso justificar, o tal financiamento se se disser que a arte é útil não pelas suas características intangíveis que referi atrás, mas pela sua repercussão social, por exemplo, para o crescimento do PIB, para ter jovens qualificados a trabalhar muito precariamente, para educar as crianças das escolas, para promover a identidade coletiva, ou o turismo, para mudar alguma coisa da vida nas prisões, ou nos bairros periféricos para onde foram empurradas pessoas pobres, para fazer festas e romarias, para entreter muita gente (tem que ser muita, ou não vale), etc., etc.

Os artistas e toda a multidão de pessoas e instituições que giram em torno deles e que, das mais diversas maneiras, confluem na tarefa de viabilizar a criação e torná-la disponível para quem a quiser apreciar, veem-se na obrigação de justificar a sua existência invocando os benefícios que referi. Ou fazem-no convictamente, porque interiorizaram essa justificação e pensam mesmo dessa forma. A arte passou a ter utilidades sociais e políticas. É esse o seu poder e é esse o poder que a justifica.

Esta mudança subversiva é para mim malsã. Não que a arte não sirva para essas coisas todas e outras mais. Mas porque ao deslocar para aí o seu poder, ao dar-lhe uma utilidade, domestica-se a criação pondo-a ao serviço de qualquer coisa, condicionando a imaginação, a criatividade. E a imaginação e a criatividade precisam de espaço, não de grilhões.

Escolho agora ir por outro caminho ainda sobre o mote do poder da arte.

Porque é que, em regimes totalitários, se destrói a criação artística, se a proíbe, ou se lhe põem severas limitações? Que poder é este que se atribui à arte que tanto faz tremer os ditadores?

Não sei bem. Os ditadores dizem que se não for assim, os seus dominados são levados por caminhos que os conduzem à perdição individual e à destruição coletiva da sociedade tal como ela está, perfeita. Os ditadores mentem, não podemos fiar-nos no que dizem. O que

eles querem é permanecer no poder. O poder é tudo o que têm.

Suponho que há uma razão principal. A arte é um lugar da liberdade. Onde a imaginação se desenrola, onde temos mais consciência que não há uma verdade, mas várias verdades, onde olhamos para o mundo e para vida de maneiras muito diferentes, onde podemos manifestar a nossa revolta contra o que não concordamos e faz mal a nós e aos nossos concidadãos, onde se expressam todo o tipo de pensamentos, onde podemos sentir-nos livres. A liberdade é o grande medo dos ditadores. Porque acaba com eles.

Não sabemos o que para aí vem na Europa e no chamado mundo ocidental. Para não falar no planeta, a nossa casa comum. Mas há sinais assustadores de ameaça à democracia – já muito debilitada pelo enfraquecimento do poder dos Estados e, por isso, dos cidadãos – de totalitarismos nascentes. Para além disso, há poderes fortíssimos que, sem deles muitas vezes nos darmos conta, estão a limitar imenso a nossa liberdade. Refiro-me tanto ao poder financeiro quanto ao poder da manipulação da informação, por exemplo. Mas há outros globais.

Ora se a arte é o espaço da liberdade, pelas suas características intrínsecas, torna-se indispensável nos tempos que correm garantirmos a sua sobrevivência.

Ao dizer isto parece que entro em contradição. Atrás afirmei que a arte se justifica a si própria, se justifica pelo humano. E agora proponho que, na atualidade, ela é indispensável como instrumento de resistência à opressão, à que já existe e à que pode vir aí. Dou-lhe uma utilidade. Afinal a arte é útil, ou não?

O que eu quis dizer não é que a arte não sirva para todas as coisas boas que exemplifiquei, mas que não deve ser essa a justificação para o Estado a apoiar. Ao afirmar que a arte é um espaço de liberdade, não estou a justificá-la, estou a descrevê-la.

Oxalá possam vir a alguma ou algumas das manifestações de arte e pensamento que vos propomos.

Miguel Lobo Antunes



## Livraria de arte

© DMF, Lisboa

A Culturgest dispõe em Lisboa de uma livraria especializada em arte contemporânea, cujos títulos são criteriosamente selecionados com base numa pesquisa constante. Nela se encontram publicações editadas pela Culturgest, outras relacionadas com artistas que aqui expuseram o seu trabalho, bem como de artistas não abrangidos pelo programa de exposições.

Tem disponível uma ampla secção de escritos e entrevistas de artistas, outra de escritos sobre arte, com especial ênfase na História e Teoria da Arte, e outras publicações muito diversas que, por vezes, se vão agrupando em pequenas constelações temáticas. Artistas e autores consagrados convivem com outros menos conhecidos; editoras de grande dimensão repartem as prateleiras com projetos editoriais de menor escala ou mesmo de muito pequena dimensão.

A Livraria tem uma política de preços reduzidos no sentido de tornar mais acessíveis os títulos que disponibiliza. Por ser uma extensão da programação expositiva, só está aberta quando há exposições patentes.

Culturgest runs a bookshop in Lisbon that specialises in contemporary art. Its titles are very carefully selected, being based on constant research, and Culturgest's own publications are all to be found at the shop, as well as many other books relating to artists who have already exhibited their work here. Other artists are also represented, whose work has not been covered by the exhibition programme.

The bookshop contains a broad selection of artists' own writings and interviews, another section on art theory and history, as well as a number of highly diverse publications that are sometimes grouped together in small thematic clusters. Established artists and authors rub shoulders with others that are less well known; major publishers share shelves with lesser-sized publishing projects or even very small publishers.

The bookshop's policy is to sell works at reduced prices, so that those titles that it has available are accessible to a wider audience. Since it functions as an extension of Culturgest's exhibition programme, the bookshop is only open when there are exhibitions on display.

De terça a sexta-feira, das 11h às 18h. Sábados, domingos e feriados, das 11h às 19h. Encerra à segunda-feira e nos períodos em que não há exposições. Tel. 21 790 51 55

## Conferências

- 12 **O Bem nas coisas** Emanuele Coccia
- 24 **A Máquina do Mundo** com Maria Filomena Molder
- 44 **Justiça Ambiental e Ambiente Justo** com Luísa Schmidt

## Leituras

- 14 **Comunidade de Leitores** por Helena Vasconcelos

## Dança

- 16 **Climas** André Braga e Cláudia Figueiredo / Circolando
- 38 **La nuit tous les chats sont gris** de Laurence Yadi e Nicolas Cantillon
- 42 **Coniunctio** de Pedro Ramos, Ordem do O

## Teatro

- 18 **PANGEIA** de Tiago Cadete
- 34 **History History History** de Deborah Pearson
- 48 **Triple Threat** de Lucy McCormick

## Música

- 20 **Aldina Duarte** Fado: a Música e as Palavras
- 22 **Afonso Pais e Rita Maria**
- 26 **Festival Rescaldo**
- 36 **Ricardo Toscano e João Paulo Esteves da Silva**
- 40 **The Rite of Trio**
- 50 **Carlos do Carmo**
- 52 **Ballrogg**

## Recital de Poesia

- 32 **Poemas para bocas pequenas** de Margarida Mestre

## Teatro / Circo / Dança

- 46 **Hallo**

## Exposições

- 56 **Isidoro Valcárcel Medina** Grafismos de fronteira
- 58 **Lourdes Castro** Os meus Álbuns de Família um a um
- 60 **Jef Cornelis** Obras para Televisão (1964-1997)
- 62 **Alice Creischer**
- 64 **Dorota Jurczak** -. { } . ~
- 66 **Otelo M. F.** Chama Xamânica
- 68 **Casa de Espanto** Em torno da Coleção da CGD
- 70 **Quarto de Espanto** Em torno da Coleção da CGD

## Serviço Educativo

## Informações

Programação

# O Bem nas coisas

Emanuele Coccia



Emanuele Coccia

---

Pequeno Auditório · 18h30

Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso  
30 minutos antes da sessão, no limite  
dos lugares disponíveis. Máximo por  
pessoa: 2 senhas.

---

Conferência em inglês,  
sem tradução.

A conferência será transmitida  
no site [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

*O Bem nas coisas. A publicidade como discurso moral* de Emanuele Coccia, é o IV volume da coleção *Disciplina sem nome* dirigida por Pedro A.H. Paixão para a editora Documenta; um projeto editorial sobre pensamento e teoria de desenho da Fundação Carmona e Costa.



DOCUMENTA

Com a participação de Emanuele Coccia, Pedro A.H. Paixão, Jorge Leandro Rosa e António Guerreiro  
Organização Fundação Carmona e Costa e editora Documenta

O amor pelas coisas abre o reino da mercadoria. Esse tipo de amor é exibido em todas as direções do espaço público das nossas cidades, basta-nos «abrir os olhos para que todo o espaço entre o nosso corpo e o horizonte seja uma única e infinita exposição de mercadorias». Ou talvez seja o inverso, talvez sejam as mercadorias – entidades misteriosas, como lembrava Marx – que abrem novas possibilidades para a expressão do amor, sendo a publicidade a sua proclamação e o seu conto moral. Só somos, só amamos, porque as coisas determinam já uma possibilidade de ser e de amar.

É recolocando a questão das mercadorias, da «reificação bem-sucedida» que cada uma é, que Emanuele Coccia nos traz uma reflexão sobre a relação do mundo contemporâneo com as coisas que se apresentam sob a forma de mercadoria. Poderíamos dizer que, tendencialmente, tudo aparece como mercadoria e que nesta se apresenta a forma moral das nossas sociedades.

A partir de elementos diversos da nossa herança cultural, Coccia não nos traz apenas uma perspectiva original sobre o cruzamento entre discurso moral e publicidade: ele consegue renovar o discurso ensaístico contemporâneo, propondo-se escrever a partir de um afastamento daqueles mestres da suspeita que durante décadas regeram o exercício público da inteligência. Trata-se, afinal, de retomar pelo discurso algo que é próprio do *bricoleur*.

Assistiremos à conferência de lançamento do livro *O Bem nas coisas. A publicidade como discurso moral* de Emanuele Coccia, seguida de uma conversa entre o autor e Pedro A.H. Paixão (editor), Jorge Leandro Rosa (editor e tradutor) e António Guerreiro.

Emanuele Coccia é Professor Auxiliar na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris. Das suas publicações, traduzidas em diversas línguas, destacam-se *A vida sensível* (2010), *Le bien dans les choses* (2013) e *La vie des plantes* (2016). Foi coeditor com Giorgio Agamben da antologia monumental *Angeli. Ebraismo Cristianesimo Islam* (2009).

Emanuele Coccia, from the École des Hautes Études en Sciences Sociales in Paris, brings us a splendid reflection on our contemporary world's relationship with the things presented to us as merchandise. Taking very different elements from our cultural heritage, he brings us an original view on the crossover between moral discourse and advertising, successfully renewing the discourse of the contemporary essay, while distancing himself from the intelligentsia and offering us something of the *bricoleur*.

# Comunidade de Leitores

## Entre dois Mundos

por Helena Vasconcelos



John Henry Fuseli. *O Pesadelo*, 1781 · Detroit Institute of Arts

---

### Sala 1 · 18h30

Inscrições na bilheteira da Culturgest, pelo telefone 21 790 51 55 ou pelo e-mail culturgest.bilheteira@cgd.pt  
Lotação: 40 participantes

---

#### 12 de janeiro

*Santuário*, Andrew Michael Hurley, ed. Bertrand

#### 26 de janeiro

*O Aperto do Parafuso* (ou *O Calafrio*, ed. Europa-América), Henry James, ed. Sistema Solar

#### 9 de fevereiro

*O Físico Prodígio*, Jorge de Sena, Guimarães editora

#### 23 de fevereiro

*O Céu é dos Violentos*, Flannery O'Connor, ed. Relógio D'Água

#### 9 de março

*O Fantasma de Canterville*, Oscar Wilde, Porto Editora

#### 23 de março

*Jane Eyre*, Charlotte Brontë, ed. Relógio D'Água

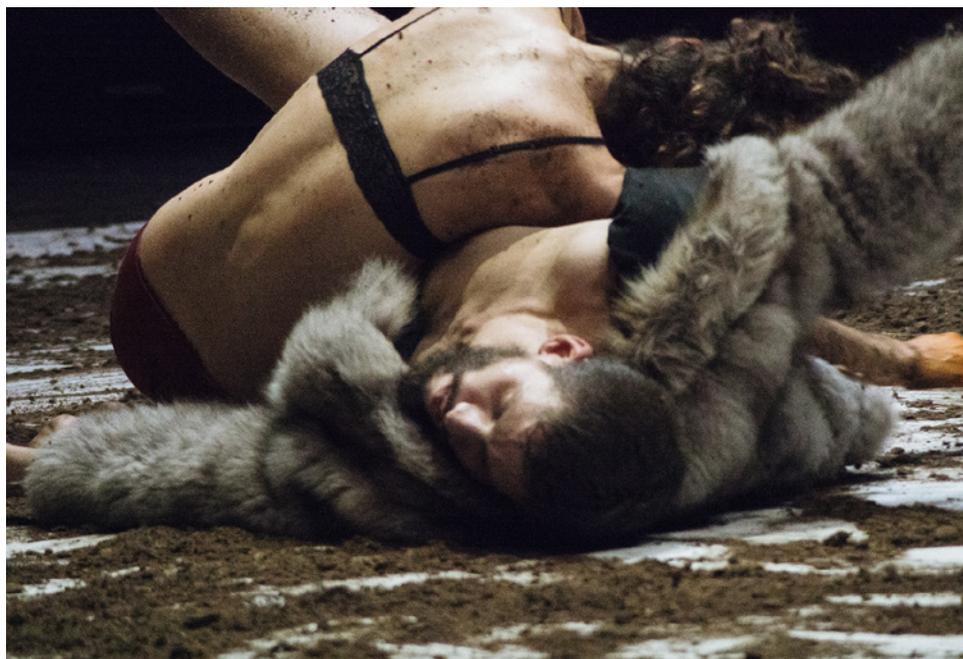
O estranho, o fantástico, o bizarro poderão estar afastados do nosso quotidiano, neste mundo pragmático e realista em que (quase) todos vivemos. Considerado como uma categoria bem definida, principalmente no Cinema, o Terror, embora muito popular, está normalmente contido dentro das fronteiras de um género específico que, em Literatura, remete para o que foi cunhado de “gótico”. Mas os nossos sentidos não desdenham de um bom calafrio, de um susto inesperado que façam emergir a nossa atávica ligação ao “folclore” (*folk-lore*). Embora os fantasmas e outras aparições funestas tenham sido maioritariamente relegadas para os jogos de computador e para as séries televisivas, a história da Literatura, principalmente a partir do Romantismo, continua a explorar um certo tipo de imaginário, aquilo a que Sigmund Freud chamou de “*unheimlich*”, ou seja, o que não é familiar, o que se encontra “entre dois mundos”, entre a luz e a sombra, entre o racional e o irracional, entre o que é explicável e o que é inexplicável. Neste ciclo de leituras, tentaremos perceber em que espaço nos movimentamos quando deparamos com situações tão estranhas como o fanatismo religioso no recente romance de Hurley, as perturbações da infância e adolescência em James, a estranheza de “ser diferente” na sulista O'Connor, os truques mágicos e satíricos de Sena, a hilariante e elegante paródia fantasmagórica de Wilde ou o exemplo do “gótico” sofisticado de Brontë. Um ciclo que não é uma viagem no comboio fantasma mas que promete brumas, catacumbas, ranger de portas, correntes de ar maléficas, aparições, donzelas em perigo e um ou outro arrepio de desconforto.

Helena Vasconcelos

The strange, the fantastic and the bizarre may have disappeared from our modern-day pragmatic and realistic world. Horror is now normally categorised as part of the “Gothic” genre, but we still enjoy the spine-chilling feeling of an unexpected fright. Though ghosts and similar apparitions have largely been relegated to computer games and television series, literature continues to explore what Sigmund Freud classified as “*unheimlich*” – the unfamiliar. In this cycle, we explore what lies “between two worlds”, between the rational and the irrational, between the explicable and the inexplicable. (Helena Vasconcelos)

# Climas

André Braga e Cláudia Figueiredo / Circolando



© Dinis Santos

---

Palco do Grande Auditório · 21h30  
Dur. 1h50 · 13€ · Jovens até 30 anos  
e desempregados: 5€ · M14

---

Na sexta-feira 20, após o espetáculo, haverá uma conversa com os artistas na Sala 1.

**Direção e conceção do espaço cénico** André Braga  
**Dramaturgia** Cláudia Figueiredo **Cocriação e interpretação** Costanza Givone, Daniela Cruz, Gil Mac, Margarida Gonçalves, Paulo Mota e Ricardo Machado **Sonoplastia** André Pires  
**Vídeo** Gonçalo Mota **Realização plástica** Nuno Brandão e Sandra Neves **Luz** Francisco Tavares Teles e João Abreu **Produção** Ana Carvalhosa (direção) e Cláudia Santos **Coprodução** Circolando, Teatro Nacional São João, Culturgest e CMA / Teatro Aveirense  
**Apoios** IIEFP / Cace Cultural do Porto

“O clima é a variável mais potente a atuar sobre nós”.  
“Weather is presence”, forma um “corpo inconsciente”, conectando o corpo humano ao cosmos em geral. Nas situações extremas de clima, quando somos avassalados pelo exterior, podemos experimentar o germe de uma outra forma de pensamento assente em novos equilíbrios entre a dimensão sensorial e racional.

O paralelismo entre o aquecimento global e um estado febril e embotado aproximaram-nos das temáticas do fim das possibilidades e dessa forma de pântano em que perdemos impulso vital.

Um espaço feito de cruzamentos foi tomando forma: estação meteorológica, sanatório, estância termal, laboratório artístico.

O repto que ali prevalece foi lançado por Goethe no seu *Diário das Nuvens*: reintegrar o céu na paisagem humana.

Improvisa-se uma espécie de hipersensibilidade climática e explora-se a força e imprevisibilidade de nos deixarmos atravessar pelas mais variadas forças naturais. O corpo transformado em paisagem submete-se à ação de um potente imaginário climático e deixa-se viajar.

Aderimos ao encontro entre poesia e estudo da natureza defendido por Goethe e somos seduzidos por essa sua ideia que a observação atenta da natureza poderá desenvolver no homem uma espécie de novo órgão, uma outra forma de lucidez.

O projeto terá uma forte dimensão transdisciplinar, querendo-se desenvolver um trabalho que assenta em diálogos imbricados entre dança, teatro, som e vídeo.

André Braga e Cláudia Figueiredo

“Climate is the most powerful variable acting upon us”.  
“Weather is presence”: it forms an “unconscious body”, linking the human body to the cosmos in general. In extreme climatic situations, we can experience the germ of another way of thinking, based on new balances between our senses and reason. We take up Goethe’s challenge: to reintegrate the sky into the human landscape. Through this encounter between poetry and the study of nature, we can develop another form of lucidity. Our transdisciplinary project seeks to develop a work based on dialogues between dance, theatre, sound and video.

Circolando é uma estrutura subsidiada pela República Portuguesa / Direção-Geral das Artes.

# PANGEIA

de Tiago Cadete



© Tiago Cadete

---

Pequeno Auditório · 11h e 16h  
Dur. 50 min · 3,50€ (preço único) · M6  
Lotação: 60 participantes

---

**Criação e instalação visual e sonora** Tiago Cadete **Pesquisa de projeto** Tiago Cadete, Jonas Lopes, Leonor Cabral, Bernardo Almeida **Interpretação** Leonor Cabral, Bernardo Almeida **Voz off** 10 atores [a designar] **Figurinos** Carlota Lagido **Direção técnica** Nuno Patinho **Projeto** financiado por GDA – Apoio de Criação **Coprodução** Culturgest **Acolhimento ensaios** Pólo Cultural das Gaivotas, Espaço Eira / Teatro da Voz **Produção** EIRA

PANGEIA é uma viagem sonora e visual pelo universo dos irmãos Grimm em que o palco se transforma num museu imaginário de objetos curiosos, através de sons escutados com auscultadores. Os objetos remetem para o imaginário dos contos fantásticos, como a floresta cheia de armadilhas, a magia da bola de cristal ou os feitiços da bruxa má. Nesta viagem, acompanhada por dois investigadores, vamos descobrir o ponto de vista dos objetos que ilustram os contos. Para isso teremos de seguir as pistas, como fizeram Hansel e Gretel com as migalhas que deixaram no caminho para regressar a casa.

PANGEIA é um espetáculo para o público juvenil que reúne em palco várias linguagens como o teatro, a dança e as artes visuais, recuperando a ideia dos Gabinetes de Curiosidades criados no século XVI, que reuniam objetos raros e artefactos da biologia, e são considerados percursos dos museus de arte. A coleção aqui apresentada tem contornos ficcionais: quatro mesas com 200 objetos que representam cada conto.

PANGEIA is a children's performance that takes us on a sound and visual journey through the universe of the Brothers Grimm. The stage is transformed into an imaginary museum of curious objects, directing our imagination to the world of fantastic tales. Accompanied by two investigators, we will discover the point of view of the objects that illustrate the stories, following the clues, just as Hansel and Gretel did. PANGEIA brings together different languages, such as theatre, dance and the visual arts, recovering the sixteenth-century idea of the Cabinet of Curiosities, the precursor of art museums.

A EIRA é uma estrutura apoiada pela República Portuguesa / Direção-Geral das Artes.

fundação GDA



# Aldina Duarte

Fado: a Música e as Palavras



© Isabel Pinto

---

Grande Auditório · 21h30  
Duração: 1h15 · 20€ · Jovens até 30  
anos e desempregados: 5€ · M6

---

Voz Aldina Duarte **Guitarra portuguesa** Paulo Parreira  
**Viola** Rogério Ferreira **Convidados** Pedro Gonçalves, Pedro Vidal,  
João Cardoso **Som** Alfredo Almeida **Luz** Paulo Mendes  
**Produção** Radar dos Sons

## Fado: um lugar marcado, onde sei que me encontro

Foi na Culturgest, nesta sala em meia-lua, onde dei o primeiro concerto da minha vida, onde o meu fado se tornou conhecido, e reconhecido, para o grande público, que acompanha o meu trabalho desde então. Este palco tem a medida certa para o meu fado, é um lugar onde é possível revelar-se genuinamente. Desta vez vou estrear dois fados (inéditos) escritos de propósito para este concerto – *Fado: a Música e as Palavras* – por dois poetas de quem já gravei discos inteiros: João Monge, *Crua*; Maria do Rosário Pedreira, *Romance(s)*. Arriscar é um verbo que aplico neste palco; falo do processo criativo, porque aprendi aqui que para crescer em palco, tal e qual como na casa de fado, devo arriscar momentos e alinhamentos únicos, mais do que brilhar fazendo o que já sei que resulta.

Entre os meus encontros artísticos no meio do fado estão Beatriz da Conceição, Camané, Maria da Fé, Carlos do Carmo, Maria Amélia Proença, João Ferreira-Rosa, Manuel Martins, Fontes Rocha, Fernando Peres (Paquito), José Manuel Neto, Carlos Manuel Proença, Paulo Parreira e Rogério Ferreira, e há alguém vindo de fora do fado, mas por dentro da música e das palavras, o Pedro Gonçalves, dos Dead Combo, meu produtor musical desde o último disco – *Romance(s)* – o cúmplice criativo que me faz ir mais longe, e com quem vou ter, também, um momento fundamental neste concerto.

Aprendi com o fado a despedir-me, a partir e a regressar, por saber e sentir que tenho um lugar marcado onde sei que me encontro, a bem ou a mal, num espaço sagrado e vital e, por isso, inviolável. Nele descubro que do luto se renasce e que de amor nunca morri. Esta é a minha fortaleza redentora, ora consoladora, ora agreste, ser fadista. E é meu desejo que vos sirva de alguma coisa: a escuta.

Aldina Duarte

Culturgest is where it all began for me, and I'll be singing two fados written specially for this concert by two poets: João Monge and Maria do Rosário Pedreira. I like taking risks, because I know that to become a better performer I need to experiment with new material and line-ups rather than bask in what already works. Among my many artistic references, there is one who comes from outside fado: my music producer and creative accomplice, Pedro Gonçalves, of Dead Combo, with whom I'll share a special moment. Fado is my inviolable, redeeming fortress, the holy and vital place where I belong. (Aldina Duarte)

# Afonso Pais e Rita Maria

Ciclo “Jazz +351”

Comissário: Pedro Costa



© Mário Cruz

---

Pequeno Auditório · 21h30  
Duração: 1h · 6€ (preço único) · M6

---

Guitarra Afonso Pais Voz Rita Maria

Afonso Pais tem um percurso estabelecido de colaborações com cantores, com relevo para a que vem mantendo com JP Simões, mas também com Rui Veloso, Edu Lobo, Ivan Lins, Dee Dee Bridgewater, Camané e António Zambujo, em todos esses casos colocando um pé, e às vezes os dois, fora do jazz. A parceria com Rita Maria permite-lhe fixar-se no género musical em que estabeleceu a sua linguagem mais pessoal e mais de acordo consigo próprio, por muitas influências que venham de fora – como a da música popular brasileira e também a da portuguesa, que ambos claramente amam. Talvez seja isso que a torna tão especial, com um segundo disco, *Além das Horas*, a confirmar a relevância do primeiro, *Miope e o Arco-Íris*. Da junção de um dos melhores guitarristas e de uma das melhores vocalistas do jazz nacional vem surgindo, pois, algo de particularmente notável, e isso porque se adotam várias tradições combinadas (presente-se, por exemplo, o gosto de Pais pela leitura que o *bebop fez do swing*, a exemplo das interpretações ellingtonianas protagonizadas por Monk) na perspetiva de lhes dar um toque de “heresia”.

Afonso Pais has a long history of playing with singers who, without exception, have caused him to stray a little from jazz. In partnership with Rita Maria, however, his feet remain firmly planted in the musical genre in which he feels most at home, despite the many influences from outside, including the Brazilian popular music that they both so clearly love. This combination of one of the best Portuguese jazz guitarists and one of the best singers leads to something quite remarkable, through their adoption of various jazz traditions combined in such a way as to afford them a hint of “heresy”.

# A Máquina do Mundo

com Maria Filomena Molder



Jorge Molder, Fotografia da série *História Trágico-Marítima*, 1992

Grande Auditório · 18h30

Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Este ciclo de conferências será transmitido no site [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

Agradecimentos Eduardo Jorge, Francisco dos Santos

Foi Camões a inventar em *Os Lusíadas* a expressão “máquina do mundo”. Ela apresenta-se através do relato profético – *cosmorama* e *geodese*, feitos e desastres dos portugueses, o desconhecido que espera os descobridores – de uma deusa ao jovem capitão Vasco da Gama. Quatro séculos mais tarde, Carlos Drummond de Andrade escreveu um poema em tercinas intitulado precisamente *A Máquina do Mundo*. Aqui, não há mediações, a máquina entreabre-se numa *estrada de minas, pedregosa*, ao olhar desalentado do poeta, que a vê fechar-se para não mais. Já no século XXI, Haroldo de Campos compõe também em tercinas, mas rimadas à maneira de Dante, o poema *A Máquina do Mundo Repensada*, no qual se exercita uma rememoração de Camões, Drummond de Andrade, sob a égide da viagem da *Divina Comédia*. Regressamos à mediação e ao maravilhamento saturnino. A leitura dos versos dos quatro poetas tem em vista desenhar um inquérito sobre o que seja a máquina do mundo: talvez um nome para o segredo da vida.

Pediremos ajuda a outros poetas e também àquilo que alguns filósofos contam (seguindo o preceito de Montaigne: “je n’enseigne pas, je raconte”), e ainda às coisas ouvidas, vistas e lembradas que vêm ter connosco no dia a dia, confiando no acaso sem o qual (de novo Montaigne) nada de nobre se pode fazer. O momento é de perigo – caminhamos na *selva oscura* de Dante – e talvez seja a hora de um balanço.

Maria Filomena Molder

The “machine of the world” is a term invented by Camões, a unique spectacle presented to the young captain Vasco da Gama. Carlos Drummond de Andrade later wrote a poem with the same name, where the machine is glimpsed by the poet, only to disappear forever more. Haroldo de Campos wrote another poem entitled *A Máquina do Mundo Repensada*, inspired by Dante’s *Divine Comedy*. Through the verses of these four poets, we seek to discover the machine of the world, perhaps the secret of life itself. We are helped in our quest by other poets and some philosophers, as well as everyday events and memories. (Maria Filomena Molder)

**31 de janeiro**

“ao bravo gama a máquina oferta / do mundo”\*

**7 de fevereiro**

“drummond minas pesando não cedeu”\*

**14 de fevereiro**

“dante com trinta e cinco eu com setenta—”\*

**21 de fevereiro**

“Agora, nós”

\* Versos de *A Máquina do Mundo Repensada* de Haroldo de Campos, 2000.

# Festival Rescaldo



Pequeno Auditório, Garagem da  
Culturgest, Panteão Nacional · 21h30  
6€ (preço único) · M6

Produção Culturgest/Trem  
Azul Comissário Travassos  
Textos Rui Dâmaso  
Ilustração Travassos Parceiros  
de comunicação Wake Up!

festival-rescaldo.info  
facebook.com/rescaldo

A 10.<sup>a</sup> edição do Festival Rescaldo destaca, uma vez mais, muito do que de melhor se fez ao longo do ano no panorama das mais aventureiras músicas nacionais.

Reforçando a sua característica ligação à Culturgest, o festival volta a ocupar, para além do Pequeno Auditório da Fundação, o seu espaço de garagem, redescoberto no ano passado enquanto palco privilegiado para testemunhar algumas das mais robustas atuações do seu programa – casos do trio pan-ritualístico *Älforjs* e do projeto *Ondness* –, e aventura-se, ainda, e pela primeira vez no seu historial, numa incursão ao carismático espaço arquitetónico e acústico do Panteão Nacional, no qual atuará, e também pela primeira vez num solo absoluto, a trompetista portuense Susana Santos Silva.

No programa, que passa em revista um ano de 2016 mais uma vez repleto de diversidade estética e de promissoras descobertas, constam, como tem sido cunho do festival, desafios particulares lançados a autores com percursos vincadamente

próprios e sem receio de arriscar saídas das suas zonas de conforto – casos do solo de piano do músico Marco Franco (até à data reconhecido pelo seu trabalho como baterista), da colaboração entre o dinamarquês Paal Nilssen-Love e o histórico David Maranhã, ou da formação inédita do fulgurante guitarrista e compositor Bruno Pernadas, a procurar assumir os caminhos da improvisação livre a partir do manancial de referências que tornam a sua música uma celebrada e complexa aventura no atual panorama luso.

O experimentalismo no feminino é outras das marcas deste décimo Rescaldo: para além da supracitada Susana Santos Silva, constam do programa atuações da incontornável Ana Deus, da incisiva Jeju e das cada vez mais únicas Pega Monstro, numa prova de que a diversidade – todo o tipo de diversidade – é cada vez mais a norma nestas músicas maravilhosamente inclassificáveis que vos convidamos a apreciar.

The 10th Rescaldo Festival once again highlights the best of the year's musical adventures in Portugal. Strengthening its traditional links with Culturgest, this time the festival not only uses the Small Auditorium, but also its garage space for some of the more robust performances (*Älforjs* and *Ondness*), and, for the first time, the special acoustics of the charismatic Panteão Nacional (the trumpeter Susana Santos Silva). Established musicians are

challenged to come out of their comfort zones (drummer Marco Franco playing solo piano), with everyone emphasising the overall theme of diversity.

Sex 10 fevereiro · Pequeno Auditório  
Duração: 1h45 com intervalo

© Vera Marmelo



**Marco Franco Piano Solo**

Piano Marco Franco

Marco Franco é, desde há pelo menos duas décadas, das mais destacadas figuras do jazz e da música improvisada em solo nacional. Fundou, entre muitos outros projetos, os *Tim Tim por Tim Tum* e os *Mikado Lab*, tendo mantido com Nuno Rebelo uma colaboração próxima sob a designação *Pocketbook of Lightning*, num trajeto que lhe tem vindo a atribuir o estatuto de um dos mais requisitados e multifacetados percussionistas da atualidade. É, ainda assim, pelo menos uma meia surpresa imaginarmos-lo num contexto solo, e em particular num instrumento que, não deixando de ser de percussão, não é de todo aquele que o notabilizou – a bateria. No Pequeno Auditório assistiremos a um momento raro, preenchido pela música de *Mudra*, editado no final

do ano: uma música profundamente lírica e meditativa – uma surpresa, mesmo tendo em conta a pluralidade do percurso do seu autor.

© Vera Marmelo



### Bruno Pernadas Quarteto

**Guitarra elétrica, órgão e sampler** Bruno Pernadas  
**Contrabaixo** Francisco Brito  
**Bateria** David Pires  
**Saxofones** Francisco Andrade

Bruno Pernadas é um guitarrista e compositor que, com três álbuns apenas, se constituiu como referência fulgorante e incontornável no, à falta de melhor termo, *pop-rock independente* nacional. Capaz de um rigor composicional de tal forma plural e rico em detalhe e filigrana, e de uma organicidade que aniquila de forma total as fronteiras entre rock, pop, jazz, *funk* ou o que mais queiramos trazer para a conversa, a sua música faz pressentir, quase desde o primeiro contacto, um mundo ainda mais vasto de possibilidades e de lugar para a improvisação quase total.

É precisamente com base nesta premissa que este ensemble – secção rítmica (David Pires, bateria e Francisco Brito, contrabaixo), saxofone barítono/tenor (Francisco

Andrade), em estreia absoluta no Rescaldo – se norteia, tendo como ponto de partida o reportório de originais do compositor, e procurando dar às suas ideias-base novo rumo em direção à improvisação livre em tempo real. Um concerto que se constituiu, verdadeiramente, como uma oportunidade única de aceder a uma dimensão mais de um músico já de si prodigiosamente multifacetado.

**Sáb 11 fevereiro · Pequeno Auditório**  
**Duração: 1h45 com intervalo**

### Luís Lopes Love Song

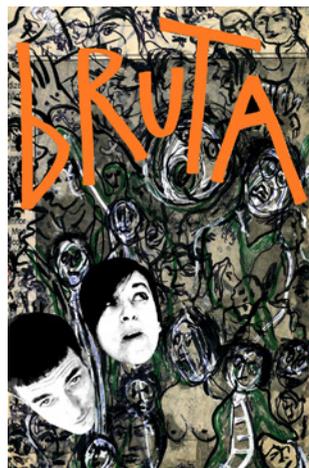
**Guitarra elétrica** Luís Lopes

Não é exagero considerar a guitarra de Luís Lopes como das mais idiossincráticas vozes das franjas mais experimentais e exploratórias do jazz – quer no contexto de grupos como o Humanization 4tet, ao lado de figuras como Rodrigo Amado e os irmãos Aaron e Stefan González, ou o Lisbon Berlin Trio com Robert Landfermann e Christian Lillinger, quer, e sobretudo, nos seus dilacerantes *noise solos*, o músico lisboeta tem vindo a dar mostras de um estilo único, onde o caos e a explosão são paradoxalmente enquadrados

© Vera Marmelo



por um controlo e uma direção irreprensíveis e um foco absoluto na gestão do silêncio. É talvez a partir desta última característica que surge *Love Song* – disco lançado em 2016 e que pode, porventura, ter surpreendido os mais desatentos – autêntico enigma feérico, invulgar na sua nudez e dimensão autorreflexiva, e magistral passo em frente no percurso do guitarrista.



### Ana Deus Bruta

**Voz** Ana Deus **Guitarra e baixo elétrico, banjo e teclados** Nicolas Tricot

Na grande maioria dos casos conhecidos, e em particular no universo da pop, o passar dos anos sacia a sede de experimentação e a obra erigida cria uma confortável rede de segurança. Para Ana Deus, cantora sedeadada no Porto a quem devemos um papel substancial nos Ban e, em particular, nos saudosos Três Tristes Tigres, a curiosidade genuína

e a necessidade de arriscar parecem agudizar-se a cada novo projeto. Já tinha sido esse o caso dos Osso Vaidoso, que dava continuidade à frutuosa parceria com o guitarrista Alexandre Soares, e parece sê-lo ainda mais com este novo projeto Bruta, em que, acompanhada pelo multi-instrumentalista Nicolas Tricot se atrai sem rede ao desafio de musicar a poesia de autores atormentados, loucos, deprimidos, perturbadores – como Ângelo de Lima, Mário de Sá-Carneiro ou Sylvia Plath.

**Dom 12 fevereiro · Panteão Nacional**  
**Duração: 45 minutos**  
**Entrada sujeita a pagamento de bilhete no Panteão Nacional**

### Susana Santos Silva

**Trompete** Susana Santos Silva

Susana Santos Silva é, desde há pelo menos meia década, um caso realmente sério do jazz nacional, contando com um percurso vertiginosamente ascendente que a afirma como uma das figuras de proa do cada vez mais vivo jazz na cidade do Porto, em particular através da editora e associação Porta-Jazz, da qual é um dos fundadores, ou da Orquestra de Jazz de Matosinhos. É, no



entanto, pela sua afirmação internacional (como tantas vezes sucede) que as atenções dentro de portas têm ganho maior dimensão – em particular pela sua colaboração próxima com o contrabaixista sueco Torbjorn Zetterberg ou com a prodigiosa pianista eslovena Kaja Draksler, com os quais gravou alguns dos mais belos discos em formato duo saídos do panorama europeu nos últimos anos.

Nesta edição do Rescaldo apresenta-se naquela que será a sua primeira atuação pública a solo, na primeira vez que o festival se desloca até ao Panteão Nacional, local cuja acústica inimitável promete constituir-se como parceiro ideal para o sopro magnético e exploratório da versátil trompetista.

**Sex 17 fevereiro · Garagem Culturgest**  
**Duração: 2h**

© Tiago Frois



### Live Low

**Voz** Ece Canli **Guitarra elétrica** Gonçalo Duarte  
**Baixo elétrico** Miguel Ramos  
**Eletrónica** Pedro Augusto

A pouco e pouco – e finalmente – o vasto campo a que podemos chamar de música moderna portuguesa (quer seja pop,

rock, jazz ou marcadamente experimental) tem vindo a abraçar sem complexos uma ideia de “portugalidade” que extravasa o olhar distante, irónico e inadequadamente *kitsch* a que as referências ao cancionário tradicional pareciam ser irremediavelmente condenadas. Os Live Low, notável quarteto portuense que presta um contributo mais a esta *descomplexificação* em curso com o seu primeiro longa-duração *Toada* (2016), levam o ouvinte numa jornada de sol a sol por um imaginário rural, contemplativo e ascético, com baixo e guitarra a pincelar ecos do bom *post-rock* do princípio do século (via Tortoise ou Labradford), e a voz de Ece Canli a surgir, por entre um quadro predominantemente instrumental, como um pilar extra de placidez e melodia, em particular em *Lembra-me um sonho lindo*, revisitação particularmente feliz do original de Fausto Bordalo Dias.

### JEJUNO

**Eletrónicas** Sara Rafael

Jejuno é o *nom-de-guerre* de Sara Rafael, fotógrafa e artista plástica de Lisboa que tem vindo, no último par de anos, a dar a conhecer a sua dimensão

© Maria Reis



de autora sonora, inserida num universo em louvável expansão de criadoras (assim mesmo, no feminino – lembremo-nos, por exemplo, de Raw Forest, Bleid ou da compilação lançada em 2016 pela editora Labareda) que fazem dos sintetizadores digitais ou analógicos portal para uma exploração profunda de um certo psicadelismo *noir* tangencial às pistas de dança.

O primeiro lançamento, homónimo, de Jeju, também no passado ano, revela uma notável condução de impulsos e estímulos, erigindo, a partir da transmutação de uma paleta sonora de monocromatismos que parecem autoimpostos, peças plenas de movimentos internos, de portos de chegada e de lançamentos elétricos rumo ao desconhecido.

© David Gueniot © Ziga Koritnik



**David Maranhã + Paal Nilssen-Love**

**Teclados** David Maranhã  
**Bateria** Paal Nilssen-Love

Primeiro encontro em palco de dois músicos que constituem reconhecidas referências das músicas experimentais nos seus respetivos países: Paal Nilssen-Love, dinamarquês, é um dos mais ativos percussionistas do jazz livre europeu e um ponta de lança de saudáveis

miscigenações entre músicos europeus e norte-americanos nos recentes anos, bem como de múltiplas dinamitações de barreiras entre estilos e abordagens (recordamos o seu trabalho frequente com artistas de linhagens bem distantes do jazz, como sejam Lasse Marhaug ou Terrie Ex).

David Maranhã, por outro lado, continua a ser reverenciado como fundador dos Osso Exótico, formação pioneira na transgressão de fronteiras musicais em Portugal, mas também pela constância e riqueza de um percurso de mais de duas décadas em que a sua linguagem se tem tornado a cada momento mais própria e imediatamente reconhecível, seja no seu trabalho a solo, seja nas formações que tem vindo a liderar ou nas inúmeras colaborações que tem vindo a desenvolver – algumas delas com percussionistas do calibre de Will Guthrie, Gabriel Ferrandini ou Z'ev, nas quais poderemos, talvez, encontrar pistas para o que esperar deste encontro com Nilssen-Love.

**Sáb 18 fevereiro · Garagem Culturgest**  
**Duração: 2h**

**Älforjs**

**Bateria, percussão** Raphael Soares  
**Contrabaixo, percussão e voz** Bernardo Álvares  
**Saxofone alto, eletrónicas, percussão e voz** Mestre André

Os Älforjs são um trio nascido como consequência direta da participação dos seus membros num *workshop* conduzido por Carla Bozulich no âmbito da



edição de 2014 do OUT.FEST, que se propunha a, entre outros feitos, qualquer coisa como “destruir toda a música e conhecimento até que só reste a beleza e nela se possa desaparecer”. Se tão ambicioso objetivo foi ou não alcançado será matéria para outros textos, mas a verdade é que o aparecimento da música de Älforjs (Raphael Soares na bateria, Bernardo Álvares no contrabaixo e Mestre André nas eletrónicas e saxofone) – pelo seu minimalismo processual em conjugação com uma propulsão *rockeira* e ritualista, pela busca e consequência de estados e momentos hipnóticos e neo-xamânicos por onde passam o jazz, o rock, a improvisação, a África mais recôndita ou o mais académico experimentalismo eletroacústico, revela sem sombra de dúvida uma energia primordial que evoca novos princípios e ausência de fronteiras. A sua atuação no Rescaldo assinala o lançamento do seu segundo trabalho de longa-duração, *Demons 1.0*, com selo Shhpuma.

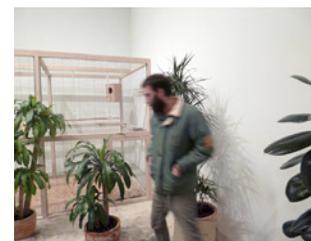
**Ondness**

**Eletrónicas** Bruno Silva

Do percurso de Bruno Silva, das figuras atualmente mais

estabelecidas, criativas e ativas na comunidade de música independente lisboeta, consta a fundação do duo Osso e uma participação reiterada no coletivo Frango, ambos bandas com papel importante no estabelecimento da riqueza na primeira década deste século. Ondness, o projeto que nos últimos anos mais o tem ocupado, granjeando-lhe um reconhecimento e notoriedade que o tem levado a vários cantos do mundo – quer em atuações ao vivo quer em edições discográficas – resulta de uma aprendizagem acumulada por vários anos e várias músicas e de um invulgar reconhecimento e apropriação das várias franjas da cultura popular contemporânea.

Os materiais que manipula em esculturas e paisagismos quase sempre de base eletrónica evidenciam uma peculiar recusa de soluções e resoluções sonoras evidentes ou de metronomias certas que intriga profundamente, sendo particular testamento desta estranheza a recente revisitação que do seu espólio foi feita pelo trio de Gabriel Ferrandini, Hernani Faustino e Pedro Sousa, músicos que habitam esferas – as do jazz – aparentemente tão distantes da sua.



**Pega Monstro**

**Guitarra elétrica** Maria Reis  
**Bateria** Júlia Reis

Parece ainda estranhamente recente o momento em que os mais atentos se depararam com uma pequena maravilha de nome *O Juno-60 nunca teve fita*, concretizada por uma dupla de irmãs mal saídas da adolescência, que provocou com estranhas reminiscências o sentido de surpresa que, mais de 15 anos antes, uma k7 de nome *Have you slept with your TV set*, dos saudosos Pinhead Society, havia conseguido provocar. Desde então, e passados exatamente seis anos, o nome Pega Monstro é

© Sara Rafael



já sinónimo de destaque inevitável em qualquer lista que se proponha exemplificar o que de mais único, mais bravo e mais vibrante se faz na música portuguesa, sendo o disco homónimo de 2012 e o espantoso *Alfarroba*, lançado em 2015 pela britânica Upset The Rythm, testemunhos do talento único das irmãs Júlia e Maria Reis – que continuam a cantar um português real, tão miraculosamente real como aquele que é falado, quotidianamente, por toda a sua geração, e a, sobretudo, materializar numa

obra que é sonicamente direta, simples e comovente – na exata proporção em que é subtil, complexa e excitante – o rock em estado realmente puro.

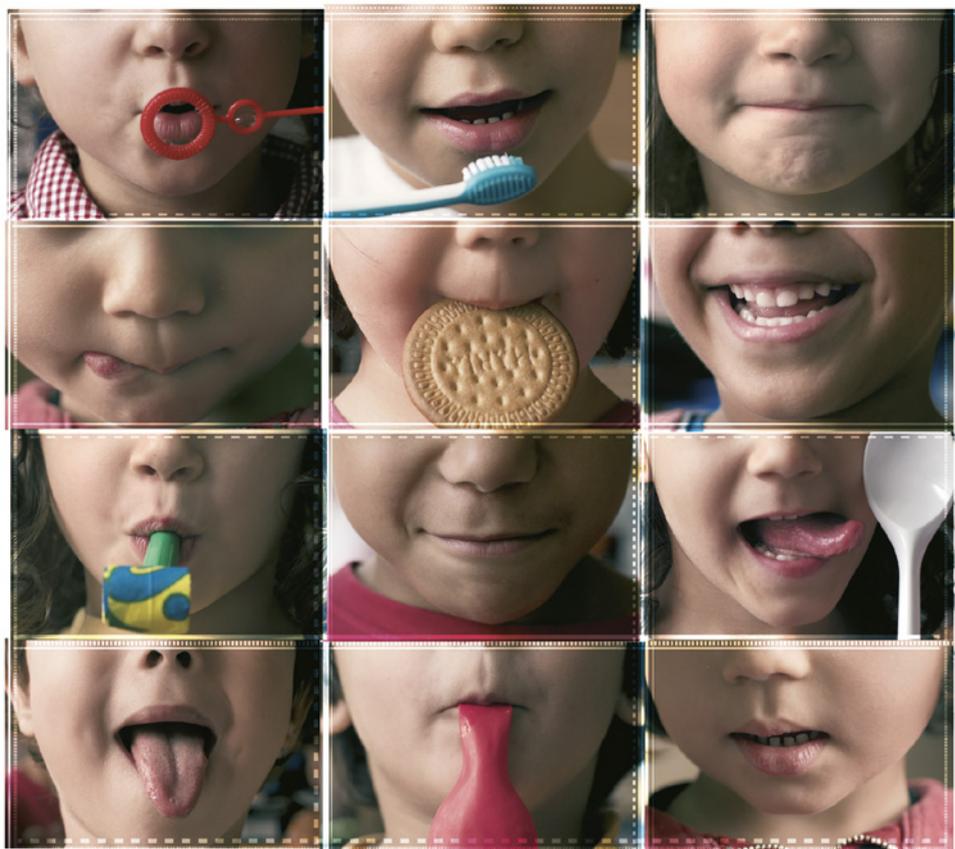
 PANTEÃO NACIONAL

 REPÚBLICA PORTUGUESA  
CULTURA

 PATRIMÓNIO CULTURAL  
Direção-Geral do Património Cultural

# Poemas para bocas pequenas

de Margarida Mestre



Fotografias: António-Pedro · Composição gráfica: Sónia Vieira

---

Sala 3 · 16h (sáb) · 11h (dom)  
Dur. 45 min · 3,50€ (preço único) · M3  
Lotação: 70 participantes

---

**Direção, escrita e interpretação** Margarida Mestre  
**Cocriação, direção musical e interpretação** António-Pedro  
**Espaço cénico e figurinos** Inês de Carvalho **Consultadoria para a escrita** Dina Mendonça **Vídeo** Helena S. Inverno  
**Produção** (Acolhimento para este espaço) Companhia Caótica  
**Poemas** Sidónio Muralha, Luísa Ducla Soares, António Torrado, Fernando Miguel Bernardes, Cancioneiro Popular Português, Margarida Mestre e António-Pedro **Uma encomenda** Maria Matos Teatro Municipal **Coprodução** Centro Cultural Vila Flor, Centro de Arte de Ovar, Maria Matos Teatro Municipal, Teatro Micaelense, Teatro Nacional São João, Teatro Municipal da Guarda, Teatro Virgínia e Teatro Viriato **Apoios** MAPA, Casa do Povo de Ferreira do Alentejo e Entre / Imagem **Agradecimentos** Escola Voz do Operário, Vanessa Teixeira e Caroline Bergeron

Construído a partir de poemas de autores portugueses, de visitas ao Cancioneiro Popular Português e de pequenas pontes verbais que aconchegam a lógica que guia o corpo, a linguagem, o pensamento e a imaginação numa viagem que queremos plena de experiências musicais e sensoriais.

É centrado em temáticas que fazem parte do nosso mundo e de questões importantes da vivência nesta faixa etária como a família, a casa, o corpo; aquilo que nos rodeia como os ciclos da natureza, o espaço, o desconhecido; e as coisas que não gostamos de fazer ou aquelas que nos dão que pensar...

Orientado por simples formas sonoras, espaciais e visuais que, ora enquadram, ora escondem, ora revelam palavras faladas, entoadas ou cantadas, este recital quer propor o ato de pensar e de sentir poesia.

Daqui resultou um áudio-livro editado pela Editora BOCA (presente no catálogo White Raven, 2016) e o teledisco que pode ser visionado no YouTube com o nome *Truz Truz*. É um recital com longa carreira em todo o país e apresentações em São Paulo, Brasil.

Based on poems by Portuguese authors, the “Portuguese Popular Songbook”, and small verbal bridges welcoming the logic that guides the body, language, thought and imagination, we embark on a journey of musical and sensory experiences. We look at everyday themes and the important questions relating to family, home and body; everything that surrounds us, such as the cycles of nature, space, the unknown; the things we don’t like to do or those that make us think. Adopting a rich approach to the musical potentialities of language, this recital offers us a new way of thinking and feeling poetry.

# History History History

História História História  
de Deborah Pearson



© Paul Blakemore

---

Pequeno Auditório · 21h30  
Dur. 1h30 · 15€ · Jovens até 30 anos  
e desempregados: 5€ · M12

---

Em inglês, com legendas

**Autoria** Deborah Pearson **Dramaturgia** Daniel Kitson  
**Olhares exteriores** Tania El Khoury e Laura Dannequin **Diretor técnico** Greg Akehurst **Uma encomenda** House on Fire com Théâtre Garonne (Toulouse) e bit teatergarasjen (Bergen) **financiada por** Culture Europe **Desenvolvido parcialmente em** Norwich and Norfolk Festival, Progress Festival (Toronto) e National Theatre Studio (Londres) **Estreia** 29 de janeiro de 2016, bit teatergarasjen, Bergen

Um documentário ao vivo sobre um cinema, uma estrela de futebol, uma família e os acontecimentos que nos trouxeram até aqui. Deborah Pearson explora a ligação e a falta de ligação entre o pessoal e o político enquanto projeta na íntegra um filme húngaro que devia ter estreado no dia em que começou a revolta de Budapeste. O filme, uma comédia de futebol de 1956, é traduzido livremente por Pearson com resultados muitas vezes hilariantes, e vai dando lugar às histórias de um escritor que perdeu o nome, de um ator que perdeu a voz e de um país que perdeu a revolução.

Deborah Pearson é uma escritora, *performer* e dramaturgista que nasceu no Canadá e vive no Reino Unido. Fundou e é uma das diretoras do coletivo de artistas Forest Fringe e vem pela terceira vez à Culturgest, depois de *Like You Were Before* (2012) e *The Future Show* (2014).

A live documentary about a cinema, a football star, a family, and the events that led to us being here. Deborah Pearson explores the connect and disconnect between the personal and the political while projecting the entirety of a Hungarian film that was meant to be premiered on the day the Budapest Uprising started. As Pearson loosely translates this 1956 football comedy with often hilarious results, it gives way to the stories of a writer who lost his name, an actor who lost his voice, and a country that lost its revolution.

Deborah Pearson is a writer, performer and dramaturg born in Canada and based in the UK. She founded and co-directs the artist collective Forest Fringe and this is the third piece she brings to Culturgest, after *Like You Were Before* in 2012 and *The Future Show* in 2014.

*É uma história cheia de humor (...), estilisticamente lembra-me Ernst Lubitsch (...). É uma história terna e pungente (...). Ao falar da sua própria experiência da diáspora, ela dirige-se a todas as crianças de todas as diásporas.*

Maddy Costa, agosto de 2016

# Ricardo Toscano e João Paulo Esteves da Silva

Ciclo “Jazz +351”

Comissário: Pedro Costa



© Flávio Pereira

---

Pequeno Auditório · 21h30  
Duração: 1h · 6€ (preço único) · M6

---

Saxofone alto Ricardo Toscano Piano João Paulo Esteves da Silva

Ricardo Toscano e João Paulo Esteves da Silva não podiam ser músicos mais diferentes, ainda que pertençam ambos à cena nacional do jazz. O jovem saxofonista está totalmente virado para a herança afro-americana deste género musical, tanto em termos estilísticos (a sua adesão ao legado do *bop* e do *hard bop*) como nos mais profundamente estéticos, verificáveis inclusive na sonoridade nova-iorquina do seu alto. O pianista tem procurado dar ao jazz uma identidade portuguesa, recorrendo ao repertório da tradição rural do País ou a velhos temas sefarditas que reflitam as componentes árabes e judaicas que marcam a nossa cultura. Um encontro entre os dois não é, pois, algo de propriamente óbvio, ainda que possa ser explicado pela admiração que Toscano dedica aos tratamentos da «harmonia à portuguesa» (expressão por si utilizada) por parte de Esteves da Silva e pelo sempre renovado interesse que este dirige às raízes do jazz, tão bem representadas pelo seu mais jovem parceiro.

Este novo duo tem um fator extra de interesse: reúne dois músicos de capacidades muito acima do normal. Ricardo Toscano vem sendo apontado como um “menino-prodígio” do saxofone, tendo os seus estudos sido realizados, em regime de sobredotado, na Escola Superior de Música de Lisboa, depois de ter passado pela Escola de Jazz Luís Villas-Boas.

João Paulo Esteves da Silva fez o Curso Superior de Piano com a nota máxima e partiu depois para o Conservatoire de Rueil-Malmaison, em Paris, tendo aí sido agraciado com a Medaille d’Or, o Prix Jacques Dupont, o Prix d’Excellence e o Prix de Perfectionnement.

Se o primeiro está em fulgurante início de carreira, aguardando-se para breve o lançamento do seu primeiro álbum (um duplo em que também se dará a conhecer como compositor), o outro já tem um percurso de grande relevo, com o CD a solo *Memórias de Quem* como o ponto mais alto de uma carreira de sucessos somados.

Despite both belonging to the national jazz scene, Ricardo Toscano (sax) and João Paulo Esteves da Silva (piano) could not be more dissimilar as musicians. The former is stylistically and aesthetically linked to jazz’s Afro-American legacy, the latter to Portugal’s rural tradition and the old Sephardic music. Toscano, the new “wonder-kid” on the saxophone, is just starting out and shortly to release his first album; Esteves da Silva already enjoys a long and distinguished career. Their playing together as a duo is therefore far from obvious, but they are both undeniably exceptional musicians.

# La nuit tous les chats sont gris

À noite todos os gatos são pardos  
de Laurence Yadi e Nicolas Cantillon  
para a Companhia Instável



© Michel Cavalc

Grande Auditório · 21h30  
Duração aprox. 50 min · 13€ · Jovens  
até 30 anos e desempregados: 5€ · M12

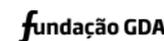
**Direção artística** Laurence Yadi e Nicolas Cantillon  
**Assistência artística** Daniela Cruz **Interpretação** Melissa Ugolíni,  
Marie Khatib-Shahidi, Sérgio Noé Quintela e Rosana Ribeiro  
**Música** Maurice Louca **Diretor técnico** Ricardo Alves  
**Estagiários à criação** Ana Isabel Castro, Carlota Rodrigues  
e Maria Soares **Coprodução** Culturgest e Teatro Municipal do  
Porto **Produção** Companhia Instável

“À noite todos os gatos são pardos” é um provérbio muitas vezes usado em rimas e em histórias infantis. Este provérbio inspira-se, antes de mais, num fenómeno fisiológico: à noite, quando a luz é fraca, os três tipos de cones da nossa retina, que são responsáveis pela visão diurna, não têm sensibilidade suficiente. Os bastonetes, que permitem a visão noturna, substituem-nos, mas só há um tipo que permite distinguir as cores. Assim, todos os gatos, seja qual for a sua verdadeira cor, parecem pardos. Sem iluminar os factos não se podem tirar conclusões, porque todas as coisas se assemelham. Deixa de haver belo, ou feio, ou bom ou mau. A peça *La nuit tous les chats sont gris* (à noite todos os gatos são pardos) procura reinventar a perceção e interpretação do movimento coreográfico numa quase penumbra. Este projeto visa criar uma multitude de sensações perante um ato coreográfico sem narrativa explícita. Laurence Yadi e Nicolas Cantillon

Desde a criação da Companhia 7273 (2003), Laurence Yadi e Nicolas Cantillon criaram cerca de vinte peças coreográficas, e todas elas tiveram digressões internacionais (a Culturgest apresentou *Simple Proposition* e *Climax* em 2006 e *Romance-s* em 2011). Dirigem regularmente *workshops* na Suíça e no estrangeiro, e são frequentemente convidados para dar aulas a jovens bailarinos em formação profissional. Receberam o Swiss Prize for Dance and Choreography e o prémio da Fondation Lietchi for the Arts.

“All cats are grey in the dark” is a proverb frequently heard in children’s stories and rhymes. It is based on a physiological fact: at night, the rods of our retina are not sensitive enough to distinguish colours, thus making all cats look grey. Without light, everything looks the same. Nothing is beautiful or ugly, good or bad. With no explicit narrative, Laurence Yadi and Nicolas Cantillon’s *La nuit tous les chats sont gris* (All cats are grey in the dark) seeks to reinvent our perception and interpretation of choreographic movement in a near penumbra, creating a multitude of sensations.

A Companhia Instável é  
uma estrutura financiada  
pelo Ministério da  
Cultura / Direção-Geral  
das Artes



# The Rite of Trio

Ciclo “Jazz +351”

Comissário: Pedro Costa



---

Pequeno Auditório · 21h30  
Duração: 1h · 6€ (preço único) · M6

---

Guitarra e pedra de Rosetta André Silva Contrabaixo e visão túnel Filipe Louro Bateria e giroscópio Pedro Alves  
Voz Beatriz Nunes

O sarcasmo e a mistificação são recursos mais literários e dramáticos do que propriamente musicais, sobretudo quando a música em causa não tem voz nem letras, mas assim não acontece com o projeto The Rite of Trio: se essa imagem surge logo na forma como o grupo é apresentado, anunciando André Silva, Filipe Louro e Pedro Alves como mestres de uma tendência musical chamada *jambacore*, que na verdade não existe (Jamba é, simplesmente, uma marca de *smoothies*), o surpreendente é que a sua música tem essa carga de irreverência, humor e, acima de tudo, teatralidade.

O que ouvimos envolve tendências do jazz como o *hard bop* e o *free* e do rock como o metal e o *prog*, mas tal não acontece por esquematismo fusionista e sim por desprezo pela autoridade (leia-se: a autoridade do jazz e a autoridade do rock). Nada mau, para músicos que fizeram do jazz e do rock as suas vidas – por exemplo, Louro faz parte de pelo menos duas formações de primeira linha da cena jazz do Porto, O Grilo e a Longifolia e o Eduardo Cardinho Quinteto, e ele e Pedro integram dois conhecidos grupos de rock, Salto e Catacumba. Com esta outra banda, vêm dizer que não aceitam as proibições e os tabus que lhes chegam de ambos os lados, que não se conformam, que têm necessidade, como já anunciaram, de «tocar música sem regras, sem ambições e sem expectativas».

Com tal atitude, deram corpo a uma das melhores propostas musicais surgidas em Portugal nos últimos anos...

Sarcasm and mystification are generally considered to be literary rather than musical devices, especially when the music involves neither voice nor lyrics, but this is not the case with The Rite of Trio project: André Silva, Filipe Louro and Pedro Alves present themselves as masters of *jambacore*, a musical trend that does not even exist, but the real surprise is the irreverence, humour and, above all, the theatricality of their music. What we hear is a fusion of hard bop and free jazz, metal and prog rock, but scorning all taboos, “playing music without rules, ambitions or expectations”.

# Coniunctio

de Pedro Ramos, Ordem do O



© Carlos Semedo

---

Grande Auditório · 21h30  
Duração aprox. 1h · 13€ · Jovens até 30  
anos e desempregados: 5€ · M16

---

Na sexta-feira 3, após  
o espetáculo, haverá uma  
conversa com os artistas  
na Sala 1.

**Conceção artística, coreografia** Pedro Ramos **Interpretação** Pedro Ramos e Sandra Rosado **Composição musical** Carlos Andrade **em cocriação com** Pedro Ramos **Desenho de luz** Pedro Ramos **Composição de espaço cénico** Pedro Ramos e Miguel Ferraz **Direção técnica** João Cachulo **Produção** Patrícia Soares **Apoio de produção** Rita Vieira **Comunicação, assessoria de imprensa** Rita Piteira **Design** Joana Manaças **Coprodução** Teatro-Cine de Gouveia e Cine Teatro Avenida **Apoio** Vo'Arte, Trilhos Verdes, Companhia Nacional de Bailado e Culturgest **Projeto apoiado por** Fundação Calouste Gulbenkian **Agradecimentos** Nuno Figueira

*Coniunctio* é o nome dado à operação alquímica que permite juntar dois elementos distintos com a finalidade de obter um terceiro, que em unidade reúna os seus opostos. A eletricidade pulsante que advém da junção dos opostos é aqui explorada no encontro de dois corpos, servindo assim de contexto para a exploração dos vários aspetos intrínsecos ao tema da relação entre duas pessoas. Dentro da linguagem desenvolvida pelo criador, pretende-se aprofundar o tema da sintonia, traduzido na comunicação entre os corpos dos intérpretes. A partir de uma dança abstrata procura-se uma visão erotizada do universo, onde os princípios opostos se entrecruzam em ciclos de transformação.

Pedro Ramos é coreógrafo, bailarino e professor. No âmbito da plataforma Ordem do O, tem realizado um trabalho de pesquisa, procurando desenvolver uma linguagem coreográfica e metodologia de criação centradas no estudo do corpo enquanto unidade psicofísica, que surgem do cruzamento do Yoga, Psicologia, Alquimia e Artes Performativas, contexto em que criou os seus últimos trabalhos.

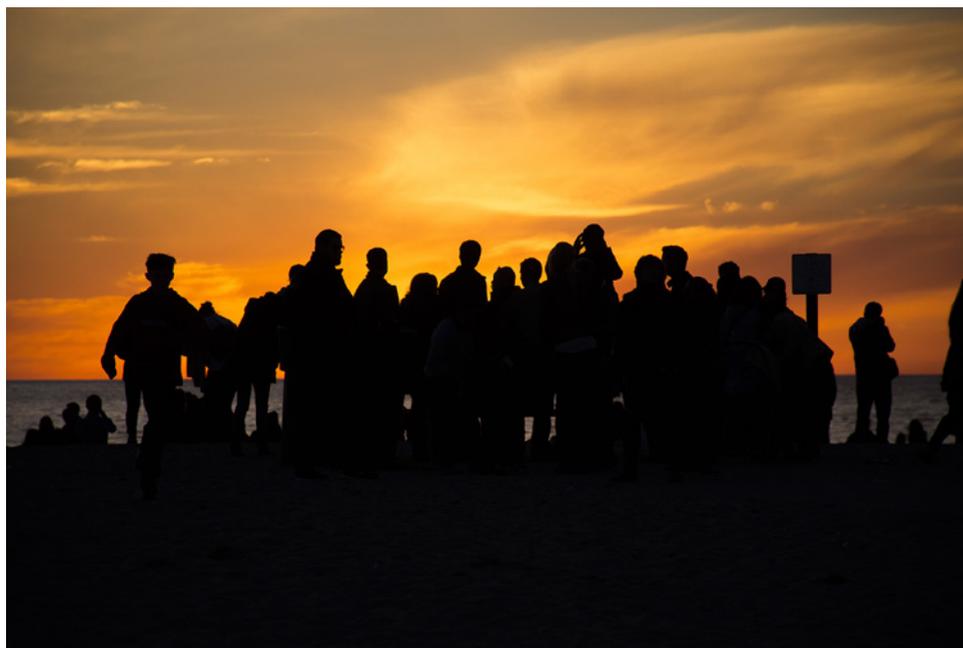
Como intérprete trabalhou com vários criadores nacionais e internacionais, em dança, teatro e música. Foi premiado melhor bailarino pela Dance Awards, 2008.

Sandra Rosado é formada pela Escola de Dança do Conservatório Nacional. Ingressou no Ballet Gulbenkian (1998) onde trabalhou até à data da sua extinção (2005). Desde então trabalha com vários criadores em dança, teatro e cinema.

*Coniunctio* is the name given to the alchemical process that makes it possible to combine two different elements in order to produce a third one. The pulsating electricity that comes from the combination of opposites is explored in the meeting of two bodies, offering a context for exploring the various aspects intrinsic to the relationship of two people. In the creator's language, there is an exploration of the theme of synchrony, expressed in the communication between the dancers' bodies. Through abstract dance, an eroticised vision of the intertwined in transformation cycles.

# Justiça Ambiental e Ambiente Justo

com Luísa Schmidt



---

Pequeno Auditório · 18h30

Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

---

Este ciclo de conferências será transmitido no site [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

Em 2014, Naomi Klein publicou um livro sobre a transformação radical que as alterações climáticas trouxeram à ordem mundial e as relutâncias em pensar o mundo e as sociedades a partir das questões ambientais globais. A obra chama-se *Isto Muda Tudo*. Em 2015, surge a encíclica *Laudato Si* do Papa Francisco. Esta veio de facto mudar tudo. Foi generalizadamente uma surpresa que chegou mesmo a gerar reação de alguns meios católicos menos 'avisados'. A obra é notável de limpidez, profundidade e coragem. De limpidez, porque não faz concessões às exigências científicas dos assuntos dos dias de hoje. De profundidade, porque aborda um conjunto complexo de problemas de forma modelar. De coragem, porque situa no centro desse conjunto problemático o tema da justiça.

E em Portugal? Como estamos ambiental e eticamente perante estas questões? Numa época em que em todas as escalas o problema ambiental se faz sentir na nossa vida comum e no seu futuro próximo, Portugal tem algumas tarefas consensuais e urgentes à sua frente. Para isso terá de começar pelo princípio; pelos Princípios e, com eles, saber activar o conhecimento, a comunicação e a participação pública para as mudanças que se avizinham.

Este ciclo de conferências percorre quatro tópicos sobre questões ambientais contemporâneas, que vão do global ao local e do científico ao ético, sob a inspiração da encíclica *Laudato Si* do Papa Francisco.

Luísa Schmidt

Luísa Schmidt, Investigadora Principal no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

In 2014, Naomi Klein published *This Changes Everything*, about the radical transformation that climate change has brought to the world order and people's reluctance to think about the world and society in global environmental terms. In 2015, Pope Francis' encyclical *Laudato Si* did, in fact, change everything, catching many Catholics unawares. And how are these questions viewed in Portugal? Here, there is an urgent need for consensus and for public participation in the coming changes. This cycle of talks, led by Luísa Schmidt, looks at four topics related to contemporary environmental issues. (Luísa Schmidt)

**7 de março**

*Laudato Si*. Uma encíclica surpresa para a humanidade e para o planeta

**14 de março**

Da boa ciência à boa justiça. Problemas de 'bradar aos céus' e os caminhos para as soluções

**21 de março**

Portugal: mudanças, ruturas e transições

**28 de março**

Da razão e da ação: um futuro para a cidadania ambiental

# Hallo



© Martin Zimmermann

---

Grande Auditório · 21h30  
Duração: 1h · 20€ · Jovens até 30 anos  
e desempregados: 5€ · M12

---

**Conceito, encenação, cenário, coreografia e interpretação** Martin Zimmermann **Dramaturgia** Sabine Geistlich  
**Desenvolvimento do cenário, coordenação técnica** Ingo Groher  
**Criação musical** Colin Vallon **Assistente de encenação e coreografia** Eugénie Rebetez **Figurinos** Franziska Born  
**Luz** Sammy Marchina **Som** Andy Neresheimer **Direção de cena, figuração** Roger Studer **Programação da maquinaria** Sarah Büchel

Ao cabo de 20 anos de carreira, grande parte dela trabalhando em conjunto com Dmitri de Perrot, o suíço Martin Zimmermann, formado pelo Centre National des Arts du Cirque, cria, em 2014, o seu primeiro (até agora único) espetáculo a solo, este extraordinário *Hallo*.

Martin forma um personagem com um corpo de boneco articulado e a agilidade de um contorcionista, um tipo ingénua e desastrado que faz rir sem querer, que mora numa pequena caixa de madeira e sai dela para entrar num cenário que lembra uma montra de loja.

O cenário, e os objetos vários que nele vão surgindo, têm vida própria e passam o tempo a pregar-lhe partidas, colocando-o em situações embaraçantes, desconfortáveis e divertidas, de onde dificilmente sai. Mas sai, porque a sua destreza ingénua é bastante para triunfar. Há um bocadinho de cenário que frequentemente se ri do personagem, amesquinhando-o. Ele faz de conta que não percebe.

O espetáculo resulta dos choques múltiplos entre o homem e as suas diversas personalidades, ou aparências, e o cenário e adereços. A esses personagens por que o artista se multiplica, acrescentam outros que são extensão do seu corpo, representados por um manequim, jogos de espelhos, ou mesmo pela breve aparição de um duplo. Martin procurou dar vida às múltiplas maneiras de sermos nós próprios. Com a sua dramaturgista, que com ele concebeu o espetáculo, tentou “desenhar com delicadeza o esboço de uma vida”.

*Hallo* (Olá) é a única palavra que se houve durante todo o espetáculo e ainda assim, só por três vezes. Para chamar a atenção de alguém que não se sabe quem é. Gostávamos que fossem atraídos por esse chamamento, porque verão coisa que nunca viram, que está entre o céu e a terra, entre o sono e a realidade, entre a fantasia e a vida.

Zimmermann & de Perrot são apoiados financeiramente pelos Serviços Culturais da cidade de Zurique, pelos serviços de Ação Cultural do Cantão de Zurique e pela Pro Helvetia – Fundação Suíça para a Cultura.

Zimmermann & de Perrot tem o apoio da Fondation BNP Paribas desde 2006 para o desenvolvimento dos seus projetos.

fundação suíça para a cultura  
**prohelvetia**

In 2014, after a twenty-year career, the Swiss performer Martin Zimmermann created this hilarious *Hallo*. Martin forms a naïve, clumsy character, with the articulated body of a doll and the agility of a contortionist, who lives in a small wooden box. The objects around him have a life of their own and place him in some uncomfortable and embarrassing scrapes, which he always manages to get out of. Martin has sought to give life to our multiple ways of being ourselves, in an unprecedented show, between heaven and earth, dream and reality, fantasy and life.

# Triple Threat

Tripla Ameaça  
de Lucy McCormick



© The Other Richard

---

Pequeno Auditório · 21h30  
Duração: 1h · 15€ · Jovens até 30 anos  
e desempregados: 5€ · M12

---

Em inglês, sem legendas

Autoria Lucy McCormick **Diretora de entretenimento convidada** Ursula Martinez **Uma encomenda** hAb and Contact for Works Ahead **Apresentado em associação com** Soho Theatre **com apoio de** Marlborough **e financiamento de** Arts Council England **Estreia** 4 de agosto de 2016, Underbelly, Edimburgo

O prodígio pós-popular Lucy McCormick e a sua Girl Squad apresentam uma versão *trashstep-dubpunk* do Novo Testamento: um mistério medieval para o mundo moderno. Chama-se “tripla ameaça” a quem sabe representar, cantar e dançar. Fazendo todos os papéis principais, Lucy vai tentar religar-se à sua própria consciência moral ao reconstituir as cenas que julgamos conhecer através de uma santíssima trindade de dança, baladas sentimentais e *performance art*. Com o absurdo e entusiasmo que a caracterizam, Lucy vai dar o seu melhor perante um impasse existencial.

Os números de cabaret frenéticos e *underground* de McCormick cresceram longe da luz e estão prestes a jorrar da sarjeta e subir pelas paredes. Este espetáculo de variedades de uma hora causou sensação no último festival de Edimburgo. Inspirando-se nos *queers*, bichas, okupas e grevistas de Londres Oriental, Lucy convida-vos a fazer-lhe companhia enquanto lava a roupa suja e purulenta em público.

Post-popular prodigy Lucy McCormick and her Girl Squad present a trashstep-dubpunk morality play for the modern world. Casting herself in all the main roles, Lucy will attempt to re-connect to her own moral conscience by re-enacting the New Testament via a Nu-wave holy trinity of dance, power ballads and performance art. With trademark absurdism and enthusiasm, Lucy puts her best foot forward in the face of existential deadlock.

McCormick's frenzied underground club acts have grown without light and are about to spill out of the gutter and hit the roof. In this hour long variety show inspired by East London's queers, queens, squatters and strikers, Lucy invites you to join her in airing out some festering dirty laundry.

McCormick faz a sua estreia a solo com o que é o melhor ou o pior espetáculo do Fringe de Edimburgo em 2016 – ou de forma se calhar mais precisa, ambos ao mesmo tempo.

★★★★★

Andrzej Lukowski, *Time Out*  
Edinburgh, agosto de 2016

# Carlos do Carmo



© Simon Frederick

---

Grande Auditório · 21h30  
Duração: 1h15 · 25€  
Desempregados: 5€ · M6

---

Voz Carlos do Carmo **Guitarra Portuguesa** José Manuel Neto  
**Viola** Carlos Manuel Proença **Baixo** Marino de Freitas  
**Som** Alfredo Almeida (Becas) **Luz** Pedro Leston

Tenho a sorte de o Carlos do Carmo me beneficiar com a sua amizade, com a sua ternura, com a sua generosidade.

Conhecemo-nos a propósito da Europália 91 – Portugal, um enorme festival que mostrou diversas facetas da cultura portuguesa na Bélgica em 1991. Escolhi o Carlos para ir fazer a segunda parte de um concerto de fado. Só podia ser ele. Ainda guardo a lembrança da maravilha que foi esse concerto.

Quando estive no CCB convidei-o a ir ao Grande Auditório. Ele aceitou, com a sua simplicidade e simpatia comoventes. Escuso de adjetivar o que aconteceu.

Não lhe tinha pedido para vir à Culturgest por acanhamento. É uma sala pequena. Achava que ele era grande demais para ela.

Um dia destes, pouco antes de estar a escrever este textinho, encontrámo-nos por acaso numa noite inesquecível na casa de fados que prefiro. Ele estava a jantar com a mulher e uns amigos. À despedida, quase de raspão, disse-me que gostava de vir à Culturgest enquanto eu cá estivesse. Fiquei sem pinta de sangue e de boca aberta. Foi ele que me disse o que eu deveria ter feito. Vou sair da Culturgest em breve, por isso era preciso que o concerto fosse no princípio do ano. Não tinha orçamento. A combinação teria que ser rápida.

Em três dias, ficou tudo acordado.

O formato é o que eu mais gosto e o que julgo mais adequado a esta sala. O Carlos do Carmo, com os seus acompanhantes habituais, vem cantar fado tradicional. Tão simples e tão novo. Tão emocionante, tão bom, vai ser. A sorte que eu tenho. Um dia que nunca mais esquecerei. Que nunca mais esquecerão.

Miguel Lobo Antunes

I am lucky to be Carlos do Carmo's friend and to benefit from his kindness and generosity. We met due to Europália 91 – Portugal, an enormous festival of Portuguese culture in Belgium – where I chose Carlos for the second part of a marvellous fado concert, and I later invited him to sing at the CCB's Main Auditorium. Yet he was the one to suggest performing at Culturgest, which I had always thought too small for him. The format he has chosen is the one best suited to this concert hall, singing traditional fado with his customary musicians. So simple, so new, and so exciting. Not to be missed. (Miguel Lobo Antunes)

# Ballrogg

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa



© Jorn Stenersen

---

Pequeno Auditório · 21h30  
Duração: 1h · 6€ (preço único) · M6

---

Saxofones, clarinete, field recordings Klaus Ellerhusen Holm  
Contrabaixo Roger Arntzen Guitarra Ivar Grydeland

Num tempo de misturas de linguagens musicais, o trio Ballrogg não só está em linha com a tendência geral como leva esta a desfechos que, expostos em papel, parecem improváveis. A música tocada por Klaus Ellerhusen Holm, Roger Arntzen e Ivar Grydeland pode ser descrita como a combinação do tipo de jazz elaborado, mas aberto, cunhado por figuras históricas como Eric Dolphy e Paul Bley, com *a new music* não-linear e indeterminista de um Morton Feldman e aquilo a que se convencionou chamar de Americana, associando em si *folk*, *country* e *blues*.

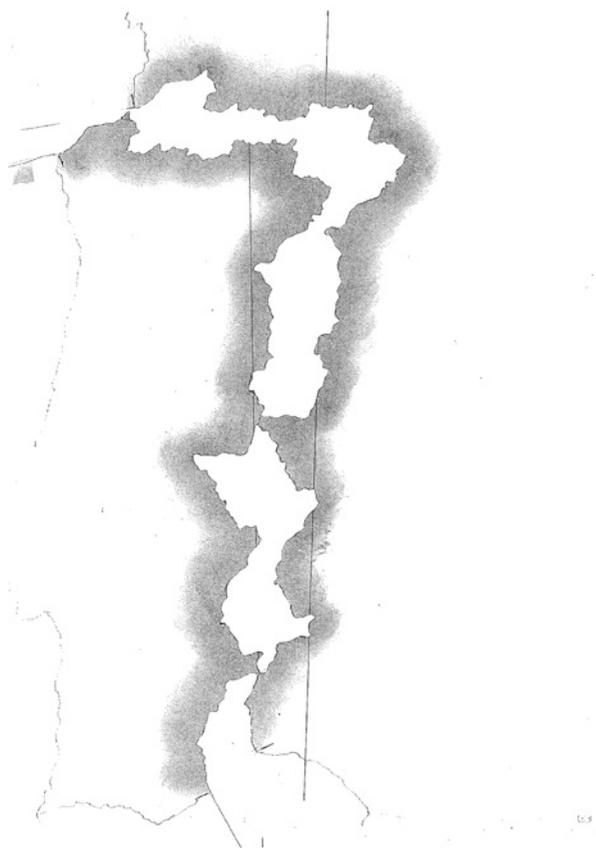
Todas estas referências vêm do outro lado do Atlântico, mas juntas, e da maneira como as ouvimos, têm o traço distintivo da música criativa que nos dias de hoje está a ser praticada na Escandinávia – tanto assim que ninguém mais no mundo poderia fazer com que algo de tão bizarro resultasse tão natural. Não surpreende, aliás, que um dos discos deste grupo tenha como título *Swedish Country*. Mas há mais nos temas dos Ballrogg para além destas coordenadas, evitando a formulação de uma simples receita pronta a ser indefinidamente reproduzida: algumas situações musicais têm um formato neoclássico, lembrando os Clogs, e outras ganham uma dimensão eletroacústica com características ambientais e de paisagismo sonoro que nos remete para Philip Jeck.

Ballrogg are a trio whose music seems to follow the general trends, but leads to unlikely outcomes, being best described as a mixture of elaborate, but open jazz and the new music known as *Americana*, associating folk, country and blues. All of these references come from the other side of the Atlantic, but together, when played in this way, it has the distinctive sound of modern-day Scandinavian creative music. Not surprising therefore that one of their albums has the name of *Swedish Country*. Some of their music is reminiscent of the Clogs, while at other times they sound just like Philip Jeck.

Exposições

# Isidoro Valcárcel Medina

Grafismos de fronteira



Desenho feito a partir dos modelos utilizados na obra *Exterior/Interior*, 2016

---

Galeria 1

2€ · Bilhete único para as exposições  
Entrada gratuita aos domingos

---

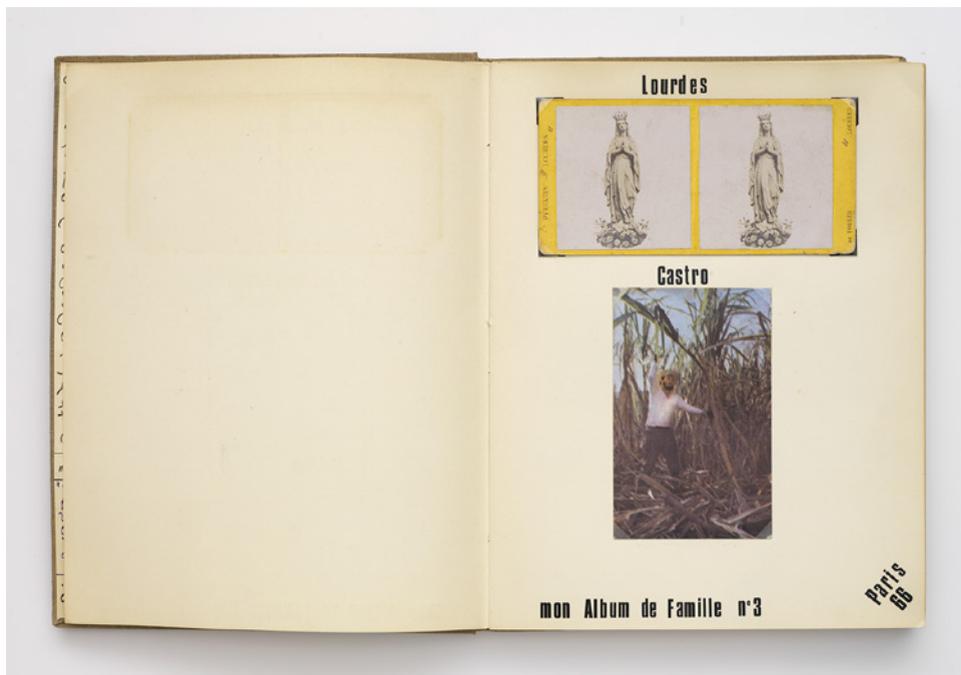
Curadoria Miguel Wandschneider

Em 2002, Isidoro Valcárcel Medina (Murcia, 1937) mostrou na Fundació Tapiès, em Barcelona, um arquivo composto por 18.000 fichas que levava ao paroxismo a ideia de retrospectiva como certidão de óbito do artista – era literalmente um monumento fúnebre ao seu trabalho. Em 2006, ele realizou, no contexto de uma exposição da Coleção do Museu de Arte Contemporânea de Barcelona, uma obra impossível de ser colecionada: pintou de branco uma enorme parede branca, usando para esse fim um pincel muito fino, e fazendo-se pagar por esse trabalho como um comum pintor de paredes. Em 2009, durante três meses, o artista propôs ao visitante do Museo Reina Sofía, em Madrid, uma visita guiada áudio à exposição da respetiva coleção que se alheava dos critérios discursivos e de valor estabelecidos pela instituição. Estes são apenas alguns exemplos da atitude crítica de Isidoro Valcárcel Medina relativamente às convenções que regem a produção, a distribuição e a apresentação da arte. Uma atitude crítica que se manifesta numa apropriação desviante de convenções sociais e culturais, respeitando as suas regras formais, mas subvertendo o seu conteúdo e sentido. O que está em causa na atitude serenamente insubordinada de Isidoro Valcárcel Medina, em última instância, é a questão do indivíduo enquanto sujeito emancipado. Para esta exposição na Culturgest, ele concebeu um conjunto de obras que questionam a fronteira, mais concretamente a fronteira geográfica entre Portugal e Espanha, como construção política e cultural que nos constitui enquanto indivíduos.

At the core of the work of Isidoro Valcárcel Medina (Murcia, 1937) lies a critical stance towards the conventions that normally govern the production, distribution and presentation of art. This critical attitude is expressed in a deviant appropriation of social and cultural conventions that, while respecting their formal rules, at the same time subverts their content and meaning. Ultimately, what is at stake in Isidoro Valcárcel Medina's serenely insubordinate attitude is the question of the individual as an emancipated subject. For this exhibition at Culturgest, he has conceived a series of works that question the notion of the border, more precisely the geographical border between Portugal and Spain, as a political and cultural construct that shapes us as individuals.

# Lourdes Castro

Os meus Álbuns de Família  
um a um



Terceiro volume do *Álbum de Família*, Paris, 1966 · Fotografia: Filipe Braga, © Fundação de Serralves, Porto

Curadoria Miguel Wandschneider

Galeria 1

2€ · Bilhete único para as exposições  
Entrada gratuita aos domingos

O trabalho de Lourdes Castro (Funchal, 1930) é bem conhecido em Portugal, tendo sido objeto de duas exposições retrospectivas, a primeira na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, em 1992, a segunda – partilhada com Manuel Zimbro, seu companheiro de vida e de trabalho – no Museu de Arte Contemporânea de Serralves, no Porto, em 2010. No ano passado, novamente na Fundação Calouste Gulbenkian, foi possível descobrir os muitos livros que a artista produziu desde a década de 1950. É chegada a altura de mergulhar no seu *Álbum de Família*, um conjunto de cadernos, atualmente em número de trinta e seis, que desde 1963 a artista tem vindo a preencher, sem comentários, com imagens e textos das mais diversas origens, tomando como *leitmotiv* aquele que tem sido o motivo de quase todo o seu trabalho desde aquela altura: a sombra. Nesta exposição o *Álbum de Família* vai ser desfolhado página a página.

The work of Lourdes Castro (Funchal, 1930) is well-known in Portugal, where she has enjoyed two major retrospective exhibitions, the first at the Calouste Gulbenkian Foundation in Lisbon, in 1992, and the second, which she shared with her life and work partner Manuel Zimbro, at the Serralves Museum of Contemporary Art in Porto, in 2010. Last year offered us the chance to discover the many books that the artist has produced since the 1950s, once again at the Calouste Gulbenkian Foundation. The time has now come to browse through her *Family Album*, a set of books, currently numbering thirty-six, which since 1963 the artist has been filling with images and texts from the most diverse origins, taking as her leitmotif what has been the theme of almost all her work since then: the shadow. At this exhibition, her *Family Album* will be opened page by page.

# Jef Cornelis

Obras para Televisão (1964-1997)



Jef Cornelis: Obras para Televisão (1964-1997), vista da exposição na Culturgest Porto, 2015 · Fotografia: Filipe Braga

---

Galeria 2

2€ · Entrada gratuita aos domingos

---

Curadoria Koen Brams

Depois da sua apresentação na Culturgest do Porto, a obra fílmica de Jef Cornelis (Antuérpia, 1941) pode agora ser vista e estudada em Lisboa. Entre 1963 e 1998, Jef Cornelis trabalhou como realizador para a televisão pública flamenga VRT. Ao longo desses 35 anos, Cornelis desenvolveu um impressionante corpo de trabalho, composto por mais de 200 filmes, em que aborda uma ampla gama de assuntos (artes visuais, literatura, teatro, arquitetura, urbanismo) e uma enorme variedade de questões sociais e filosófico-culturais. No âmbito de um enquadramento restritivo como era o da VRT, este autor investigou a fundo e desafiou o *medium* da televisão e o espaço público em geral. *Jef Cornelis – Obras para Televisão (1964-1997)* reúne mais de 70 filmes (legendados em inglês), que o espectador pode ver individualmente, consoante as suas escolhas. É posto à consulta um sítio de internet acerca da obra do cineasta. Numa brochura que acompanha esta retrospectiva, os filmes são apresentados, um a um, por ordem cronológica.

*Jef Cornelis – Obras para Televisão (1964-1997)* é uma coprodução com Argos, Centre for Art and Media.

After its presentation at Culturgest in Porto, the film work of Jef Cornelis (Antwerp, 1941) can now be viewed and studied in Lisbon. Between 1963 and 1998, Jef Cornelis worked as Director for the Flemish public broadcasting company VRT. In those 35 years, Cornelis accomplished an impressive body of work, composed of more than 200 films, dealing with an extraordinary broad range of subjects, such as visual arts, literature, theatre, architecture and urbanism, as well as a variety of social, cultural and philosophical issues. Within the restrictive framework of VRT, Cornelis succeeded in investigating and challenging the medium of television and the public sphere in general. *Jef Cornelis – TV Works (1964-1997)* comprises more than 70 films (with English subtitles), which can be watched individually. A website about the oeuvre of Cornelis can be consulted. Each film is properly introduced in a brochure which is chronologically ordered.

*Jef Cornelis – TV works (1964-1997)* is a coproduction with Argos, Centre for Art and Media.

# Alice Creischer



É dia 24 de março do ano 2000, e isso compele-nos a olhar para o futuro  
(primeiro capítulo, verso do cartaz), 2014-2017 (pormenor)

Galeria 1

2€ · Entrada gratuita aos domingos

Inauguração:

sexta-feira, 3 de fevereiro, 22h

Curadoria Miguel Wandschneider

A par do seu trabalho artístico, que tem vindo a realizar também em colaboração regular com o artista Andreas Siekmann, Alice Creischer (Gerolstein, Alemanha, 1960) tem desenvolvido ao longo dos anos uma incisiva intervenção crítica que se corporiza quer em textos acerca da arte e da instituição da arte na era do capitalismo avançado, quer na curadoria de exposições coletivas em torno do capitalismo e do colonialismo que envolvem um aturado processo de investigação (por exemplo, *Violence is at the Margin of All Things*, em 2002, *ExArgentina*, em 2004, e *The Potosi Principle*, em 2010). Creischer aborda no seu trabalho realidades complexas através de um método laborioso que se estriba na investigação acerca da atualidade política e económica e das suas raízes históricas, num pensamento associativo e em procedimentos de colagem e montagem. Exposições individuais como *The Greatest Happiness Principle Party* (Secession, Viena, 2001), *Apparatus for the Osmotic Pressure of Wealth During the Contemplation of Poverty* (MACBA, Barcelona, 2008), *The Establishment of Matters of Fact* e *In the Stomach of the Predators* (ambas na galeria KOW, em Berlim, respetivamente em 2012 e 2014), entre outras, contribuíram para afirmar Creischer, de forma lenta mas inelutável, como uma artista de enorme relevância. O núcleo duro desta exposição é um conjunto de novos trabalhos, produzidos desde 2014, que problematizam a chamada “crise da dívida soberana” em vários países europeus, nomeadamente em Portugal, e as políticas de austeridade que lhes estão associadas. A instalação *The Greatest Happiness Principle Party*, de 2001, que tem como campo de referência a crise financeira na Europa durante a década de 1930, oferece um contraponto a esta nova constelação de obras.

Alongside her artistic work, which frequently involves a regular collaboration with Andreas Siekmann, Alice Creischer (Gerolstein, Germany, 1960) has also developed a body of incisive criticism, not only in the form of texts about art and the institution of art in the age of advanced capitalism, but also through her curatorship of group exhibitions centred on capitalism and colonialism and involving a laborious research process. In her work, Creischer has adopted a specific method for approaching complex realities, based on painstaking investigation into current political and economic issues and its historic roots, associative thought processes and the use of collage and montage. The core of this exhibition is an extensive group of new works that problematize the so-called “sovereign debt crisis” in various European countries, namely Portugal, and the austerity policies linked to this.

# Dorota Jurczak



Octoptak (Polvo-pássaro), 2009 · Imagem cortesia Corvi-Mora, Londres

---

CULTURGEST PORTO

Entrada gratuita

---

Curadoria Miguel Wandschneider

Esta exposição é um *remake* daquela que durante o verão deu a conhecer em Lisboa a obra excêntrica e fascinante de Dorota Jurczak (Varsóvia, 1978). Até ter exposto na Galeria Piktogram, em Varsóvia, no outono de 2015, Dorota Jurczak permaneceu uma artista desconhecida no seu país de origem. Ela tem vivido, trabalhado e exposto fora da Polónia desde 1999, quando se mudou para Hamburgo com o objetivo de estudar na Hochschule für bildende Künste, onde fez uso intensivo do ateliê de gravura. Desde muito cedo, Dorota Jurczak tem vindo a utilizar e a expandir um repertório muito particular de motivos, tais como pássaros, penas de pássaros, velas e o fumo que delas se desprende, cigarros, excrementos, seres com múltiplas cabeças (evocando por vezes o arquétipo de Medusa), o perfil de uma cabeça com duas faces, ou fósforos. Combinando esses elementos, a artista compõe uma galeria de retratos insólitos ou enigmáticos, por exemplo, de criaturas animais que parecem o resultado de mutações genéticas e de figuras compostas entre o humano e o animal, ou entre o humano e o inanimado. Algumas obras representam situações funestas e macabras, uma espécie de teatro da crueldade, regido pelas leis da violência e da dominação sobre outras espécies. Ao longo dos anos, observa-se no seu trabalho um crescente apaziguamento da sua iconografia e do seu imaginário sempre intrigantes, quer uma crescente depuração em termos formais e expressivos.

This exhibition is a remake of the one that during the summer introduced us to the eccentric and fascinating work of Dorota Jurczak (Warsaw, 1978). Until her solo exhibition at the Piktogram Gallery, in Warsaw, in autumn 2015, the work of Dorota Jurczak was still practically unknown in her country of origin. The artist has lived, worked and exhibited outside Poland since 1999. Over the years, Dorota Jurczak has gradually come to use, and expand upon, a repertoire of motifs, such as birds, feathers, candles and the smoke rising from them, cigarettes, excrement, beings with multiple heads (sometimes evoking the archetype of Medusa), the profile of a head with two faces, or matches. By combining these elements, the artist composes a gallery of unusual or enigmatic portraits: for example, those of animal creatures that seem to be the result of genetic mutations and composite figures that lie somewhere between human and animal, or between human and inanimate. Some of these works depict mournful and macabre situations, a kind of theatre of cruelty, ruled by the laws of violence and dominance over other species. Over the years, however, one can note in her work both a greater pacification of her always intriguing iconography and imaginary and a greater refinement in formal and expressive terms.

# Otelo M. F.

Chama Xamânica  
Shamanic Call



O.P.P.E., 1994 - Fotografia: Vasco Célio/Stills

---

CULTURGEST PORTO

Entrada gratuita

---

Inauguração:  
sexta-feira, 17 de fevereiro, 22h

Curadoria Nuno Faria

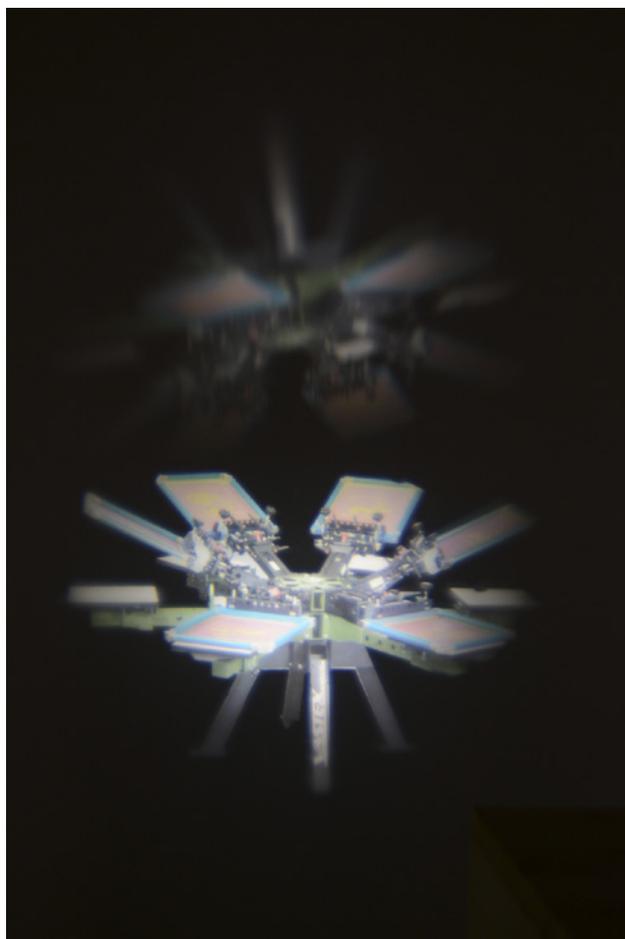
A exposição *Chama Xamânica* apresenta a um público alargado e de forma extensiva o trabalho de Otelo M. F., mantido ainda relativamente desconhecido apesar de algumas cintilantes e surpreendentes aparições em Portugal ou no estrangeiro (*Algarve Visionário, Excêntrico e Utópico*, Museu Municipal de Faro, 2010; *Instruments of quasi-null consequence*, Galeria Clages, Colónia, 2014; *Interface Makonde e Oracular Spectacular, desenho e animismo*, no Centro Internacional das Artes José de Guimarães, Guimarães, em 2013 e 2015, respetivamente; *Le lynx ne connaît pas de frontières*, Fondation D'Enterprise Ricard, 2015).

No trabalho de Otelo M. F. (Almancil, 1974), cuja formação artística foi feita fora de qualquer contexto formal, o desenho, os objetos e a escultura constituem o núcleo central de uma obra na qual a *performance* e o ritual se estabelecem como modos de conduzir energias, convocar presenças, articular materialidades. Animismo, primitivismo, xamanismo, metamodernismo, antropoceno são campos de conhecimento operativo convocados pelo artista num trabalho frequentemente movido pela decepção e pelo sentimento de perda irreversível de um mundo em colapso ambiental (*The damage is done*) e que perdeu as ligações com o espírito da terra e o conhecimento cultivado pelos antepassados. Movimento, metamorfose, transitoriedade, devolver ideias que não tenham corpo, recolher e reutilizar matérias frequentemente tratados como restos, em contexto urbano ou natural, estabelecer ligações ou diálogos inusitados entre materiais e formas, são palavras-chave numa prática muito alargada, que afirma que “o trabalho artístico serve para reclamar a nossa existência espiritual”.

The exhibition presents an extensive display of the work of Otelo M. F. (Almancil, 1974). Drawing, objects and sculpture form the central core of an oeuvre in which performance and ritual have become established as the principal means for conducting energies, summoning presences and articulating materialities. Animism, primitivism, shamanism, metamodernism and the Anthropocene are fields of operative knowledge that the artist calls upon in his work, frequently moved by a sense of disappointment and the feeling of the irreversible loss of a world on the brink of environmental collapse that has lost its links with the spirit of the earth and the knowledge cultivated by our ancestors. Movement, metamorphosis, transitoriness, restoring ideas that have no body, gathering and reusing materials that are frequently treated as waste, establishing unaccustomed connections or dialogues between materials and forms, are key words in a wide-ranging practice, underlining the principle that “artistic work serves to reclaim our spiritual existence”.

# Casa de Espanto

Em torno da Coleção  
da Caixa Geral de Depósitos



Renato Ferrão. *Sem título*, 2016

---

Centro de Arte Contemporânea  
Graça Morais

---

Centro de Arte  
Contemporânea Graça  
Morais, Bragança

Rua Abílio Beça, 105

5300-011 Bragança

Tel. 273 302 410

Horário: de 3.ª feira a domingo  
10h-12h30 / 14h-18h30

Encerra: 2.ª feira e feriados

Entrada: 2€

Grupos organizados (mínimo  
10 pessoas): 1€ por pessoa

Cartão jovem / cartão

estudante: 1€

Manhãs de domingo e crianças  
até aos 10 anos: gratuito

  
Caixa Geral  
de Depósitos

  
Bragança  
Municipality

  
CENTRO DE ARTE CONTEMPORÂNEA GRAÇA MORAIS

Curadoria Bruno Marchand Artista convidado Renato Ferrão

Na sequência de *Palácio de Espanto*, apresentada no Palácio da Galeria, *Casa de Espanto* volta a contrapor obras da Coleção da Caixa Geral de Depósitos a peças inéditas de artistas convidados e a artefactos provenientes dos espólios de cultura material da região anfitriã – neste caso, Trás-os-Montes. Para além de reincidir no confronto da Coleção da CGD com objetos de outros universos e de outras idades, esta segunda exposição reforça a vontade de criar condições para uma experiência artística muito menos interessada na função educativa ou informativa da arte do que nas suas valências simbólica, litúrgica, ou mesmo gregária.

Para esta segunda incursão no território do espanto e das suas constelações, contaremos com um conjunto de novas peças de Renato Ferrão (*Vila Nova de Famalicão*, 1975), nas quais a interação da fotografia projetada com dispositivos mecânicos e jogos de luz nos devolvem imagens espectrais, como fantasmas, incertas na sua estaticidade, dúbias no seu conteúdo. A estas obras juntam-se ainda artefactos de uma região cujos rituais cristãos e pagãos nos legam um património material absolutamente ímpar. Da reunião de todos estes objetos esperamos ver surgir diálogos e contrastes, assistir ao despontar de uma tensão produtiva e desafiante, que facilite a imersão do espectador no espaço de desconcerto e intensidade de uma *Casa de Espanto*.

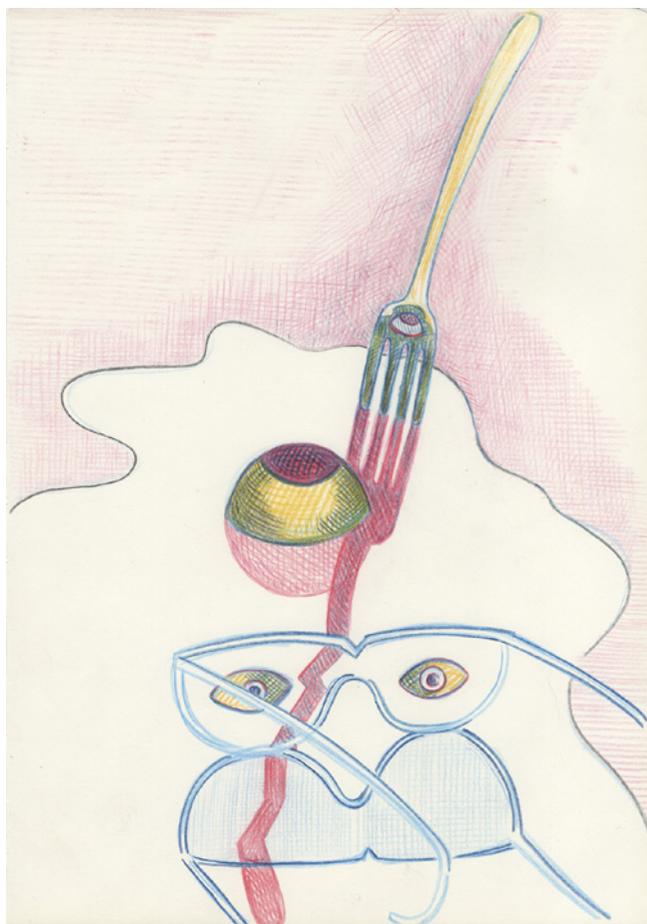
Bruno Marchand

Following the *Palace of Awe* exhibition, inaugurated in Tavira last May, *House of Awe* again contrasts works from the Coleção da Caixa Geral de Depósitos with brand new pieces by guest artists and artefacts embodying the material culture of the host region – Trás-os-Montes. Confronting the CGD Collection with objects from other universes and other ages, this second exhibition is less concerned with the educational and informative function of art, focusing more on its symbolic, liturgical, or even gregarious aspects.

This second incursion into the territory of awe and its constellations includes a set of new pieces by Renato Ferrão (*Vila Nova de Famalicão*, 1975), in which the interaction of light with small sculptural devices offers us spectral, ghost-like images, uncertain in their staticness, dubious in their content. These are joined by artefacts from a region whose Christian and pagan rituals have bequeathed a unique legacy. By bringing all these objects together, we hope to see dialogues and contrasts appear, giving rise to a productive and challenging tension that facilitates the spectator's immersion in the intense and disconcerting space of a *House of Awe*. (Bruno Marchand)

# Quarto de Espanto

Em torno da Coleção  
da Caixa Geral de Depósitos



Mattia Denisse. *História do Ovo C => ensaio sobre o estrabismo de Deus, 2016*

Centro de Cultura Contemporânea  
de Castelo Branco

Inauguração:  
Sábado, 11 de março, 15h

Centro de Cultura  
Contemporânea  
de Castelo Branco

Campo Mártires da Pátria,  
s/n (Devesa)  
6000-097 Castelo Branco  
Tel. 272 348 170

Horário: 3.ª feira a domingo  
10h-13h / 14h-18h  
Encerra: 2.ª feira, 1 de janeiro,  
16 de abril (domingo de  
Páscoa), 25 de abril, 1 e 2 de  
maio (feriado municipal).

Entrada: 2€  
A partir dos 65 anos: 1,50€  
Grupos organizados (mínimo  
15 pessoas): 1,50€ por pessoa  
Cartão de estudante: Gratuito

Curadoria Bruno Marchand Artista convidado Mattia Denisse

*Quarto de Espanto* é a terceira de um ciclo de três exposições que tiveram lugar em Tavira, Bragança e, agora, em Castelo Branco, e que partilham um mesmo tema, uma mesma estrutura e um mesmo objetivo. Como as anteriores, esta exposição parte de uma seleção de peças da Coleção da Caixa Geral de Depósitos para acolher obras inéditas de um artista convidado e artefactos provenientes dos espólios de cultura material da região anfitriã. Com esta teia de encontros pretende-se não só confrontar a Coleção da CGD com objetos de outros universos e de outras idades, mas sobretudo restituir à arte algo que a atual profusão de imagens e o crescente pendor retórico dos discursos contemporâneos lhe vêm anulando: o seu pleno poder simbólico.

A noção de *espanto* que preside a este ciclo sublinha isso mesmo: a vontade de responder ao presente esgotamento da imagem através da recuperação do enigma do ícone, da reposição do instante mágico que faz do corpo da imagem o lugar de uma passagem para o transcendente. Por outro lado, ele sublinha também a vontade de contrapor à retórica vigente a dúvida e a estranheza, o irracional e a superstição, como meios para o culto de uma espécie de infra intelecto, morada da incerteza e da pulsão. Neste espaço de alternativa esperamos ver despontar o ambíguo e o inominável, esperamos assistir à formação de um território onírico, onde seja possível recuperar e preservar a centelha antiga da surpresa e do supra natural, a matéria de que é feita a expressão confusa, rara e irredutível de um *espanto*.  
Bruno Marchand

*Quarto de Espanto* (Room of Awe) is the third in a cycle of three exhibitions held in Tavira, Bragança, and now Castelo Branco, all sharing the same theme, structure and objective. Like the previous ones, this exhibition is based on a selection of pieces from the Coleção da Caixa Geral de Depósitos, but also incorporates other previously unseen works by a guest artist, and artefacts originating from collections embodying the material culture of the respective host region. With this tangled web of encounters, the aim is not only to contrast the Coleção da CGD with objects from other origins and ages, but, above all, to return to art something that has slowly been taken away from it by today's profusion of images and the increasingly rhetorical nature of contemporary discourses: its undeniable symbolic power.

**Serviço Educativo**

## Crianças

PANGEIA 78  
Plano Nacional de Cinema 80  
Alice Creischer – Exposição 81  
Poemas para bocas pequenas 82  
Mãos à obra! Oficinas de artes plásticas 84  
Férias da Páscoa na Culturgest 85  
Celebra o teu dia de anos com arte 86

## Adultos e jovens

Pedimos desculpa pelo incómodo causado... 76  
Arte contemporânea como inspiração para a sala de aula 77  
Sentidos da Imagem em Movimento 79  
Alice Creischer – Exposição 81

## Famílias

PANGEIA 78  
Poemas para bocas pequenas 82  
Mãos à obra! Oficinas de artes plásticas 84  
Celebra o teu dia de anos com arte 86

## Professores, educadores e outros mediadores

Arte contemporânea como inspiração para a sala de aula 77  
Sentidos da Imagem em Movimento 79  
Poemas para bocas pequenas 82  
Oficina Poemas para bocas pequenas 83  
Mãos à obra! Oficinas de artes plásticas 84

## Escolas

PANGEIA 78  
Plano Nacional de Cinema 80  
Alice Creischer – Exposição 81  
Poemas para bocas pequenas 82  
Mãos à obra! Oficinas de artes plásticas 84



*Comer a Língua*, de Regina Guimarães (novembro, 2016) © Mana

## Pedimos desculpa pelo incómodo causado: programa de jovens

### ENCONTRO

Destinatários:  
jovens dos 17 aos 21 anos

Sex 6 de janeiro, 17h30  
Duração: 2h30  
Programa gratuito

Ponto de encontro:  
Bilheteira

**Coordenação** Patrícia Carvalho **Participantes** Ana Rita Ramalho, Bárbara Botelho, Caetana Batista, Carolina Moreira, David Andrade, Helena Salgueiro, Margarida Freitas, Mariana Melancia, Mariana Reboleira, Rafael Cruz, Rita Almeida

Esta é a 2.ª edição de um programa destinado exclusivamente a jovens, das mais variadas áreas científicas e artísticas, socialmente ativos, com um ou mais interesses em comum, com conhecimentos para partilhar e vontade de aprender. Trata-se de um projeto de continuidade e que requer sentido de compromisso. Para o dia 6 de janeiro o grupo preparou uma sessão aberta a todos os participantes interessados.

Inscrições e programa completo em [www.culturgest.pt/se](http://www.culturgest.pt/se)



© Mana

## Arte contemporânea como inspiração para a sala de aula

### CURSO

Destinatários: professores,  
educadores, profissionais e  
mediadores em museus, artistas

Sábados, 7 de janeiro,  
4 de fevereiro, 4 de março  
e 1 de abril  
Das 9h30 às 13h30  
Sala 2 · 25€ por sessão

### Marcação prévia

Mínimo: 15 participantes  
Máximo: 80 participantes

Confere direito a certificado de participação. Professores: curso acreditado pelo CFAN da Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual – APECV, com 1 crédito. Informe-se junto do Serviço Educativo.

Nestes encontros a arte já foi ferramenta, inspiração e recurso... Ao fim de várias edições todos os que aqui nos encontrámos sabemos que a arte é tudo isso e muito mais. Essencial à educação a arte é aqui também sinónimo de amor e de esperança através da reinvenção da escola, da educação e de nós próprios. Este é um curso organizado e orientado por professores e artistas com exemplos práticos retirados da sala de aula e com uma forte ligação aos nossos artistas contemporâneos.

Inscrições e programa completo em [www.culturgest.pt/se](http://www.culturgest.pt/se)



© Mana

# PANGEIA

## TEATRO

Destinatários: famílias e grupos escolares (maiores de 6 anos)

### Famílias:

Sáb 21, dom 22 de janeiro  
11h e 16h · 3,50€

### Escolas:

Ter 17, qua 18, qui 19,  
sex 20, seg 23 de janeiro  
10h30 e 14h30 · 2,50€

### Pequeno Auditório

Duração: 50 min.  
Lotação: 60 participantes

### Reservas

Famílias: 21 790 51 55  
Escolas: 21 761 90 78

Sem descontos.

A EIRA é uma estrutura apoiada pela República Portuguesa/Direção-Geral das Artes.

fundação GDA



**Criação e instalação visual e sonora** Tiago Cadete **Pesquisa de projeto** Tiago Cadete, Jonas Lopes, Leonor Cabral, Bernardo Almeida **Interpretação** Leonor Cabral, Bernardo Almeida **Voz off** 10 atores [a designar] **Figurinos** Carlota Lagido **Direção técnica** Nuno Patinho **Projeto** financiado por GDA – Apoio de Criação **Coprodução** Culturgest **Acolhimento ensaios** Pólo Cultural das Gaivotas, Espaço Eira / Teatro da Voz **Produção** EIRA

PANGEIA é uma viagem sonora e visual pelo universo dos irmãos Grimm em que o palco se transforma num museu imaginário de objetos curiosos, através de sons escutados com auscultadores. Os objetos remetem para o imaginário dos contos fantásticos, como a floresta cheia de armadilhas, a magia da bola de cristal ou os feitiços da bruxa má. Nesta viagem, acompanhada por dois investigadores, vamos descobrir o ponto de vista dos objetos que ilustram os contos. Para isso teremos de seguir as pistas, como fizeram Hansel e Gretel com as migalhas que deixaram no caminho para regressar a casa.

PANGEIA é um espetáculo para o público juvenil que reúne em palco várias linguagens como o teatro, a dança e as artes visuais, recuperando a ideia dos Gabinetes de Curiosidades criados no século XVI, que reuniam objetos raros e artefactos da biologia, e são considerados percursos dos museus de arte. A coleção aqui apresentada tem contornos ficcionais: quatro mesas com 200 objetos que representam cada conto.



© Tiago Cadete

# Sentidos da Imagem em Movimento no âmbito do Plano Nacional de Cinema

## CURSO

Destinatários: professores, educadores, profissionais e mediadores em museus, artistas

**Coordenação** Nuno Bernardo

A 2.ª edição deste programa de formação propõe a análise e o desenvolvimento de possibilidades de trabalho em torno de três filmes de três realizadores (Marco Martins, José Miguel Ribeiro e Sérgio Tréfaut). Cada sessão contará ainda com a intervenção dos oradores Maria Teresa Cruz, Augusto M. Seabra e João Mário Grilo.

Desde a conceção de argumento até à fase de montagem, o programa propõe analisar e abordar as diferentes fases de produção de um filme. Incentivando exercícios práticos baseados nas obras dos realizadores convidados e outros exercícios de conceção dos próprios participantes.

Curso acreditado para professores.

Inscrições e programa em [www.culturgest.pt/se](http://www.culturgest.pt/se)

Sábados, 21 de janeiro,  
25 de fevereiro e 18 de março  
Das 9h às 17h

Sala 2 · 35€ por sessão

**Marcação prévia**

**Mínimo: 15 participantes**

**Máximo: 80 participantes**

Desconto de 15% na inscrição em todas as sessões.



© Mana

# Plano Nacional de Cinema

## CINEMA

Destinatários: grupos organizados  
(do 1.º ciclo ao ensino secundário)

### Pequeno e Grande Auditórios

Programa gratuito  
para escolas.

Reservas 21 761 90 78



O Plano Nacional de Cinema tem como objetivo principal fazer chegar a linguagem cinematográfica ao maior número possível de jovens de forma a criar a ponte entre a atualidade e a herança que o cinema tem deixado ao longo da sua vida e que assume uma influência inegável no desenvolvimento de qualquer sociedade.

Este plano propõe-se promover a literacia na leitura e interpretação de imagens em movimento, por oposição à infundável produção de conteúdos com que somos confrontados diariamente nos produtos criados pelos media e publicidade. Em simultâneo propõe-se aprofundar, junto de alunos e professores, a capacidade de interpretação de alguns filmes da cultura ocidental e refletir sobre a sua contribuição para o nosso desenvolvimento cultural, social e pessoal.

1.º ciclo 1 fevereiro, 10h30 e 14h30 · 2.º ciclo 2 fevereiro, 10h30  
3.º ciclo e ensino secundário 2 e 3 fevereiro, 10h30 e 14h30

Consulte a lista dos filmes em [www.culturgest.pt/se](http://www.culturgest.pt/se)



© Mana

# Alice Creischer – Exposição

## VISITAS JOGO

Destinatários: escolas

### Galeria 1

Duração: 1h · 1€

Lotação: 45 participantes

Reservas 21 761 90 78

## VISITAS

Destinatários: adultos

### Galeria 1

Duração: 45 minutos

Entrada gratuita

Ponto de encontro: Bilheteira

Exposição de 4 de fevereiro  
a 30 de abril. Para mais  
informações consulte as  
páginas 62 e 63.

Conceção e orientação Irina Raimundo, Nuno Bernardo,  
Patrícia Freire e Susana Alves

### Visita jogo Pré-escolar e 1.º ciclo

Visita de exploração visual e crítica.

### Visita jogo 2.º e 3.º ciclos

Visita de exploração visual e crítica.

### Visitas à hora de almoço

Sexta, 17 de março, 12h10; Sexta, 21 de abril, 13h10



© Mana

# Poemas para bocas pequenas

## RECITAL DE POESIA

Destinatários: famílias e grupos escolares (maiores de 3 anos)

### Famílias:

Sáb 11 de fevereiro, 16h  
Dom 12 de fevereiro, 11h  
3,50€

### Escolas:

Seg 6, ter 7, qua 8, qui 9,  
sex 10 de fevereiro,  
10h30 · 2,50€

Sala 3 · Duração: 45 min.  
Lotação: 70 participantes

### Reservas

Famílias: 21 790 51 55  
Escolas: 21 761 90 78

Sem descontos.

**Direção, escrita e interpretação** Margarida Mestre  
**Cocriação, direção musical e interpretação** António-Pedro  
**Espaço cénico e figurinos** Inês de Carvalho **Consultadoria para a escrita** Dina Mendonça **Vídeo** Helena S. Inverno  
**Produção** (Acolhimento para este espaço) Companhia Caótica  
**Poemas** Sidónio Muralha, Luísa Ducla Soares, António Torrado, Fernando Miguel Bernardes, Cancioneiro Popular Português, Margarida Mestre e António-Pedro **Uma encomenda** Maria Matos Teatro Municipal **Coprodução** Centro Cultural Vila Flor, Centro de Arte de Ovar, Maria Matos Teatro Municipal, Teatro Micaelense, Teatro Nacional São João, Teatro Municipal da Guarda, Teatro Virgínia e Teatro Viriato **Apoios** MAPA, Casa do Povo de Ferreira do Alentejo e Entre/Imagem **Agradecimentos** Escola Voz do Operário, Vanessa Teixeira e Caroline Bergeron

Construído a partir de poemas de autores portugueses, de visitas ao Cancioneiro Popular Português e de pequenas pontes verbais que aconchegam a lógica que guia o corpo, a linguagem, o pensamento e a imaginação numa viagem que queremos plena de experiências musicais e sensoriais.

É centrado em temáticas que fazem parte do nosso mundo e de questões importantes da vivência nesta faixa etária como a família, a casa, o corpo; aquilo que nos rodeia como os ciclos da natureza, o espaço, o desconhecido; e as coisas que não gostamos de fazer ou aquelas que nos dão que pensar..

Orientado por simples formas sonoras, espaciais e visuais que, ora enquadram, ora escondem, ora revelam palavras faladas, entoadas ou cantadas, este recital quer propor o ato de pensar e de sentir poesia.

Daqui resultou um áudio-livro editado pela Editora BOCA (presente no catálogo White Raven, 2016) e o teledisco que pode ser visionado no YouTube com o nome *Truz Truz*. É um recital com longa carreira em todo o país e apresentações em São Paulo, Brasil.

## OFICINA

Destinatários: professores

Sáb 11 de fevereiro, 10h  
Sala 6 · Duração: 3h · 12€  
Lotação: 30 participantes

Reservas 21 761 90 78

Com Margarida Mestre

Oficina de Poesia para educadores e auxiliares de educação, a partir do áudio-livro *Poemas para bocas pequenas*, onde trabalharemos a voz e o corpo como ferramentas de utilização e interpretação de poesia para a infância.



Fotografias: António Pedro - Composição gráfica: Sónia Vieira

## Mãos à obra! Oficinas de artes plásticas

### OFICINAS

Destinatários: famílias, professores e escolas (maiores de 3 anos)

#### Famílias e professores:

Duração: 3h · 3,50€

#### Escolas:

Dur. 2h · 2,50€ (gratuito para professores acompanhantes)

Marcação prévia

#### Sala 6

Lotação: 30 participantes

#### Reservas

Famílias: 21 790 51 55

Escolas: 21 761 90 78

Sem descontos.

#### Conceção Patrícia Freire

Nestas oficinas de expressão plástica e artes visuais teremos a oportunidade de conhecer matérias, materiais, ferramentas e técnicas das artes plásticas que habitualmente – na escola ou em casa – não temos coragem de usar porque podem sujar, podem magoar ou não sabemos como fazer. Com orientação de Patrícia Freire e alguns convidados, estes encontros trimestrais servirão de mote a muitas experiências criativas que, ao mesmo tempo que nos divertem, fazem homenagem aos nossos artistas contemporâneos.

#### Mãos à obra: com gestos

**Escolas** Seg 13, qui 16, sex 17 de fevereiro, 14h30; ter 14, qua 15 de fevereiro, 10h30 e 14h30 · **Professores** Sáb 18 de fevereiro, 10h  
**Famílias** Sáb 18 de fevereiro, 14h30

#### Mãos à obra: com construções

**Escolas** Ter 21, qua 22, seg 27 de março, 10h30 e 14h30; qui 23, sex 24, 14h30 · **Professores** Sáb 25 de março, 10h  
**Famílias** Sáb 25 de março, 14h30



© Mana

## Férias da Páscoa na Culturgest

### OFICINAS

Destinatários: dos 6 aos 8 (frequência do 1.º ciclo) e dos 9 aos 12 anos

#### Qui 6, sex 7, seg 10, ter 11,

qua 12 de abril

Manhãs: das 10h às 13h

Tardes: das 14h30 às 17h30

50€ (5 manhãs ou 5 tardes)

Marcação prévia

Lotação: 16 participantes

As oficinas que ocupam o dia inteiro têm disponível um serviço de acolhimento para as crianças que quiserem trazer almoço de casa.  
2€ (valor diário)

Prolongamento de horário:

Manhãs: das 9h às 10h

Tardes: das 17h30 às 18h30

2€ (valor por prolongamento)

Sem descontos.

Com Irina Raimundo, Joana Barros, Nuno Bernardo, Patrícia Freire e Susana Alves

Nestes cinco dias de atividades, demos carta-branca aos nossos colaboradores mais habituais para conceberem e orientarem uma oficina de férias escolares, durante 3 horas. O resultado? Oficinas de artes plásticas, desenho, escrita criativa, tecnologias, luz, som, movimento, improvisação, visitas à galeria, imaginação e, provavelmente, muito mais ainda. A cada dia, uma oficina diferente com um artista diferente.

Inscrições e programa completo a partir do dia 9 de fevereiro em [www.culturgest.pt/se](http://www.culturgest.pt/se)



© Mana

# Celebra o teu dia de anos com arte

## OFICINAS

Destinatários: dos 5 aos 12 anos

**Duração: 2h30 · 215€**

**Lotação: 20 participantes**

### Qualquer atividade de festa de anos pode incluir:

- Oficina em sala com mesa para o lanche que os pais queiram trazer
- 1 artista orientador e 1 assistente
- Uma atividade para adultos na galeria. Duração: 1h30 (45€)

### Reservas

21 761 90 78

Sem descontos.

## Oficinas práticas de expressões artísticas variadas

Num espírito lúdico e educativo, estas oficinas promovem o contacto com as artes, desenvolvem a criatividade e estimulam o pensamento divergente.

Existem várias atividades disponíveis. Solicite o programa através do e-mail [culturgest.servicoeducativo@cgd.pt](mailto:culturgest.servicoeducativo@cgd.pt)

### Enquanto os mais novos se divertem...

Convide os outros pais para uma atividade na galeria. A atividade termina um pouco antes do final da oficina das crianças.



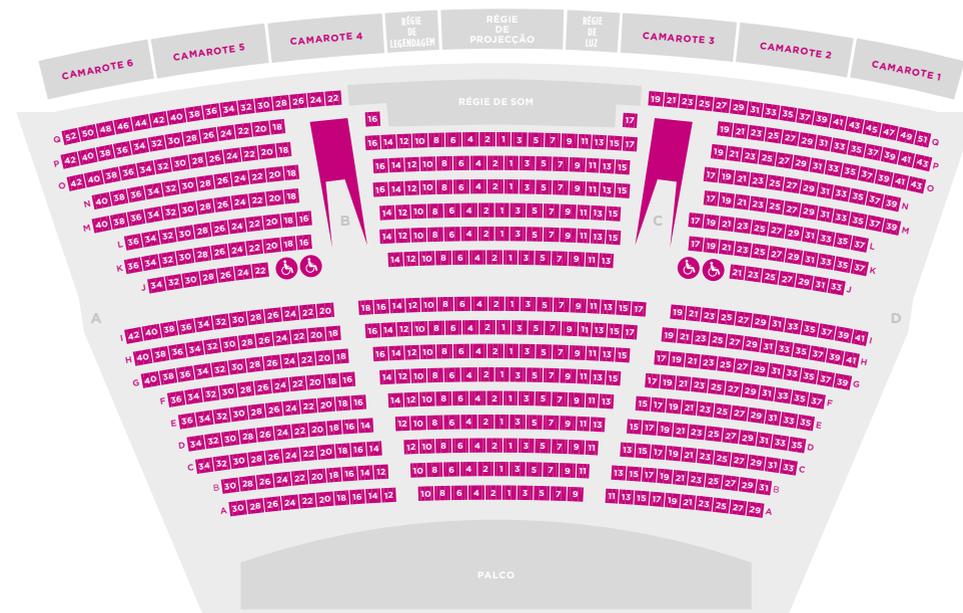
© Mana

## Entre janeiro e março, os colaboradores do Serviço Educativo são:

Ana Teresa Magalhães  
António-Pedro  
Bernardo Almeida  
Bruno Marques  
Irina Raimundo  
Isabel Trindade  
Joana Barros  
Joana Batel  
Joana Ratão  
João Belo  
Leonor Cabral  
Luísa Fonseca  
Mana  
Margarida Mestre  
Nuno Bernardo  
Patrícia Carvalho  
Patrícia Freire  
Raquel Ribeiro dos Santos  
Susana Alves  
Teresa Eça  
Teresa Vaz  
Tiago Cadete

## Inscrições e informações

Telefone: 21 761 90 78 · E-mail: [culturgest.servicoeducativo@cgd.pt](mailto:culturgest.servicoeducativo@cgd.pt)  
Horário de atendimento telefónico: das 9h30 às 11h30 e das 16h às 17h



Grande Auditório

## Galerias

### Horário de funcionamento

De terça a sexta-feira das 11h às 18h (última admissão às 17h30).  
Sábados, domingos e feriados, das 11h às 19h (última admissão às 18h30).  
Encerram à segunda-feira.  
Guias áudio disponíveis gratuitamente.

**Aos domingos, a entrada nas galerias é gratuita.**

### Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

## Bilheteiras

### Horários de funcionamento

#### Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 14h às 19h.  
Em dias de espetáculo das 14h até à hora de início do mesmo.  
Nos períodos em que não há exposições a bilheteira está aberta todos os dias das 11h às 19h.

#### Bilheteira das galerias

De terça a sexta-feira das 11h às 18h.  
Sábados, domingos e feriados das 11h às 19h.  
Encerra à segunda-feira e nos períodos em que não há exposições.

Em ambas as bilheteiras podem adquirir-se bilhetes para espetáculos e exposições.

### Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser levantados até 48 horas antes do espetáculo.

[As bilheteiras, as galerias e a livraria encerram nos dias 24 e 25 de dezembro e no dia 1 de janeiro de 2017.](#)

## Assinaturas

Podem ser adquiridas para 4 ou mais espetáculos, beneficiando de um desconto de 40%. São válidas no limite dos bilhetes disponíveis. As assinaturas possibilitam a entrada gratuita nas galerias.

### Descontos

#### Exposições

30% a jovens até aos 25 anos, maiores de 65 anos, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).  
40% a titulares dos cartões **Caixa IU, ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã** que o utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).  
Entrada gratuita a titulares do cartão **ICOM** e a jovens até aos 16 anos.  
Entrada gratuita a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

#### Espectáculos

30% a maiores de 65 anos, profissionais do espetáculo, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes) e titulares dos cartões **Caixagold, Visabeira Exclusive, Caixa Woman, Caixa Drive e Caixa Leisure**, que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).  
40% a titulares dos cartões **Caixa IU, ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã e Caixa Activa** que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).  
50% a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes)

**Jovens até aos 30 anos e desempregados: 5€ Preço único sem descontos.**

**Os descontos não são acumuláveis.**

## Livraria

### Horário de funcionamento

De terça a sexta-feira, das 11h às 18h.  
Sábados, domingos e feriados, das 11h às 19h.  
Encerra à segunda-feira e nos períodos em que não há exposições.  
Telefone: 21 790 51 55

### Cafetaria

#### Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 10h às 18h30.  
Sábados, domingos e feriados, das 11h às 19h.  
Nos dias de espetáculo, até à hora de início do mesmo.

### Culturgest

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos  
Rua Arco do Cego n.º 50, 1000-300 Lisboa  
Telefone: 21 790 54 54

Metro: Campo Pequeno

Autocarros: Campo Pequeno / Av. Berna 756\*  
Campo Pequeno / Av. República 727,\* 736, 738, 744, 749,\* 754,\* 783; Praça Londres 722, 767  
Av. Roma: 735, 767

\*A carreira 756 só funciona ao sábado de manhã. Durante sábados, domingo e feriados as carreiras 727, 749 e 754 não servem a zona do Campo Pequeno.

### Culturgest Porto

#### Horário de funcionamento

De segunda-feira a sábado, das 12h30 às 18h30. Encerra aos domingos e feriados.  
Edifício Caixa Geral de Depósitos  
Avenida dos Aliados n.º 104, 4000-065 Porto  
Telefone: 22 209 81 16

Metro: Av. dos Aliados (Linha D – amarela)  
Autocarros: Av. dos Aliados 1M, 200, 201, 202, 208, 3M, 304, 4M, 400, 5M, 600, 7M, 703, 8M, 900, 901, 904, 905, 906, 10M, 11M, 12M, 13M  
Pç. D. João I 207, 300, 301, 302, 305, 801  
Estação de São Bento 303, 500  
Elétrico: Av. dos Aliados (Circular Carmo-Batalha)

## Informações e reservas

### Bilheteira Culturgest

**21 790 51 55**  
**culturgest.bilheteira@cgd.pt**

### Ticketline

Reservas e informações: 1820 (24 horas)  
Pontos de venda: Agências Abreu, Galeria Comercial Campo Pequeno, Casino Lisboa, C.C. Dolce Vita, El Corte Inglés, Fnac, Megarede, Worten e [www.ticketline.sapo.pt](http://www.ticketline.sapo.pt)

[culturgest@cgd.pt](mailto:culturgest@cgd.pt) · [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

### Acesso a pessoas de mobilidade reduzida

Áreas acessíveis a pessoas de mobilidade reduzida, por rampas ou elevadores: bilheteira, galerias e auditórios. Assistência a pessoas de mobilidade reduzida sempre que requisitada previamente na bilheteira. Entrada gratuita concedida a um acompanhante, no limite dos lugares disponíveis.

Programa sujeito a alterações.

Lembramos que não é permitido gravar nem fotografar os espetáculos. Não se esqueça de desligar o telemóvel: a luz dos ecrãs perturba os artistas e o público.

Não é permitida a entrada na sala durante o evento, salvo indicação dos assistentes.



Apoios:



Apoio na divulgação:



As emissões de gases com efeito de estufa associadas à produção desta publicação foram compensadas no âmbito da estratégia da CGD para as alterações climáticas.

## Fundação Caixa Geral de Depósitos – Culturgest

Edifício da Sede da CGD · Rua Arco do Cego nº 50, Piso 1, 1000-300 Lisboa  
Tel 21 790 51 55 · Fax 21 848 39 03 · [culturgest@cgd.pt](mailto:culturgest@cgd.pt) · [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

Se quiser receber a programação da Culturgest  
envie-nos um e-mail para [culturgest.newsletter@cgd.pt](mailto:culturgest.newsletter@cgd.pt)  
ou inscreva-se na nossa mailing list em [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt).

▼ Destaque pelo picotado e dobre em três partes ▼

### GALERIAS

#### Horário de funcionamento

De terça a sexta-feira das 11h às 18h  
(última admissão às 17h30).

Sábados, domingos e feriados, das 11h às 19h  
(última admissão às 18h30).

Encerram à segunda-feira.

Guias áudio disponíveis gratuitamente.

**Aos domingos, a entrada nas galerias  
é gratuita.**

Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

### BILHETEIRAS

#### Horários de funcionamento

#### Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 14h às 19h.  
Em dias de espetáculo das 14h até à hora  
de início do mesmo.

Nos períodos em que não há exposições  
a bilheteira está aberta todos os dias  
das 11h às 19h.

#### Bilheteira das galerias

De terça a sexta-feira das 11h às 18h.  
Sábados, domingos e feriados das 11h às 19h.  
Encerra à segunda-feira e nos períodos em  
que não há exposições.

#### Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas  
por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser  
levantados até 48 horas antes do espetáculo.

### CULTURGEST

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos  
Rua Arco do Cego n.º 50, 1000-300 Lisboa  
Telefone: 21 790 54 54

### CULTURGEST PORTO

#### Horário de funcionamento

De segunda-feira a sábado, das 12h30

às 18h30. Encerra aos domingos e feriados.

Edifício Caixa Geral de Depósitos

Avenida dos Aliados n.º 104, 4000-065 Porto  
Telefone: 22 209 81 16

### INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira Culturgest

**21 790 51 55**

**[culturgest.bilheteira@cgd.pt](mailto:culturgest.bilheteira@cgd.pt)**

Ticketline Reservas e informações: 1820 (24h)

Pontos de venda: Agências Abreu, Galeria

Comercial Campo Pequeno, Casino Lisboa,

C.C. Dolce Vita, El Corte Inglés, Fnac,

Megarede, Worten e [www.ticketline.sapo.pt](http://www.ticketline.sapo.pt)

[culturgest@cgd.pt](mailto:culturgest@cgd.pt) · [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

# Janeiro Fevereiro Março 2017

# CALENDÁRIO



Culturgest  
uma casa do mundo